

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE JORNALISMO - BACHARELADO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**COLETIVO ACAUÃ: JORNALISMO INDEPENDENTE EM QUASE DESERTOS
MIDIÁTICOS DE PERNAMBUCO**

ELENIR SANTOS DE CASTRO

**COLETIVO ACAUÃ: JORNALISMO INDEPENDENTE EM QUASE DESERTOS
MIDIÁTICOS DE PERNAMBUCO**

Monografia apresentada como requisito
para conclusão do curso de Jornalismo
da Universidade Federal do Maranhão em
Imperatriz.

Orientador(a): Prof. Me. Marta Alencar

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Castro, Elenir.

COLETIVO ACAUÃ: JORNALISMO INDEPENDENTE EM QUASE DESERTOS
MIDIÁTICOS DE PERNAMBUCO / Elenir Castro. - 2025.

71 f.

Orientador(a): Marta Thais Alencar Cosme.

Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão,
Imperatriz, 2025.

1. Jornalismo Local. 2. Jornalismo
Independente. 3. Desertos de Notícias. 4. Nordeste. 5.
Pernambuco. I. Alencar Cosme, Marta Thais. II. Título.

ELENIR SANTOS DE CASTRO

**COLETIVO ACAUÃ: JORNALISMO INDEPENDENTE EM QUASE DESERTOS
MIDIÁTICOS DE PERNAMBUCO**

Monografia apresentada ao Curso de
Jornalismo, da Universidade Federal do
Maranhão - CCIM, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de Bacharel
em Jornalismo.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Me. Marta Thaís Alencar Cosme - UFMA
Orientadora

Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel - UFMA
Examinador 1

Me. Luísa Guimarães Torre - UBI
Examinador 2

DEDICATÓRIA

A meu pai Hélio (in memoriam), que já se foi, mas se faz presente em todos os dias da minha vida. Sei que, de algum lugar, ele olha por mim. Dedico este trabalho à minha avó Eliana, minha maior força e inspiração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha profunda gratidão a Marta Alencar minha orientadora e amiga, por sua orientação, apoio e paciência ao longo de todo o desenvolvimento deste trabalho. Sua sabedoria e dedicação foram fundamentais para a realização deste projeto. Agradeço também aos professores pela contribuição valiosa e pela disponibilidade em compartilhar seus conhecimentos e experiências.

Gostaria de agradecer ainda à minha família, especialmente a minha mãe Maria, meus irmãos Marcelo e Marcos, e aos meus sobrinhos, Erick, Vinícius e Laíza pelo amor, compreensão e incentivo constante em todos os momentos. Seu apoio foi fundamental para que eu pudesse concluir esta etapa com êxito. As minhas amigas Stela, Vivian e Roberta, que estiveram ao meu lado, me incentivando e proporcionando momentos de descontração quando eu mais precisei.

Por fim, agradeço a Clara Teles, sem você essa experiência não seria a mesma, obrigada pelo carinho e por sempre estar disposta a me ouvir e ajudar. E a todos que de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, seja com palavras de apoio, sugestões ou críticas construtivas.

RESUMO

Este trabalho analisa o papel do Coletivo Acauã como uma iniciativa de jornalismo independente em quase desertos midiáticos (Abernathy 2016; 2020; Projor, 2018) no estado de Pernambuco. Em um contexto marcado pela escassez de cobertura jornalística em áreas periféricas e rurais, o Coletivo Acauã oferece uma alternativa informativa voltada para comunidades marginalizadas e carentes de representatividade nos grandes veículos de comunicação. Por meio de um estudo de caso qualitativo (Yin, 2005), utilizando análise de conteúdo (Bardin, 2015) e entrevistas semiestruturadas com a idealizadora do coletivo, foi possível investigar suas estratégias, desafios e impactos na democratização da informação e na valorização das identidades locais. Os resultados indicam que, ao combinar práticas colaborativas e narrativas de proximidade, o Coletivo Acauã contribui na promoção de uma comunicação mais inclusiva e participativa. Contudo, o trabalho também aponta limitações, como a dependência de financiamento e dificuldades de infraestrutura, ressaltando a importância do apoio a iniciativas de jornalismo independente em regiões de quase desertos midiáticos.

Palavras-chave: jornalismo local; jornalismo independente; desertos de notícias; Nordeste; Pernambuco.

ABSTRACT

This work analyzes the role of Coletivo Acauã as an independent journalism initiative in near media deserts (Abernathy 2016; 2020; Projor, 2018) in the state of Pernambuco. In a context marked by a lack of journalistic coverage in peripheral and rural areas, Coletivo Acauã offers an informative alternative focused on marginalized communities that lack representation in mainstream media outlets. Through a qualitative case study (Yin, 2005), using content analysis (Bardin, 2015) and semi-structured interviews with creator of the collective, it was possible to investigate its strategies, challenges, and impacts on the democratization of information and the enhancement of local identities. The results indicate that, by combining collaborative practices and proximity narratives, Coletivo Acauã contributes to promoting more inclusive and participatory communication. However, the study also highlights limitations such as dependency on funding and infrastructural challenges, emphasizing the importance of supporting independent journalism initiatives in regions close to media deserts.

Keywords: local journalism; independent journalism; news deserts; Northeast; Pernambuco.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Publicações Site Acauã – 2022	48
Quadro 2 - Publicações Site Acauã – 2023	50
Quadro 3 - Publicações Site Acauã – 2024	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DESERTOS DE NOTÍCIAS	17
2.1 Quase desertos de notícias	24
2.2 Não tão desertos assim...	25
3 NARRATIVAS PRÓXIMAS: JORNALISMO LOCAL E INDEPENDENTE	28
3.1 Jornalismo Independente	32
3.2 Jornalismo de proximidade: muito além das fronteiras geográficas	38
4 COLETIVO ACAUÃ: JORNALISMO INDEPENDENTE E DE PROXIMIDADE EM PERNAMBUCO	41
4.1 Procedimentos Metodológicos	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE A	61
APÊNDICE B	69

1 INTRODUÇÃO

Escassez ou ausência de cobertura jornalística se dá pelo fechamento de jornais locais, diminuição de redações e o enfraquecimento da imprensa regional. No contexto atual, a crise econômica e o poderio das plataformas digitais têm contribuído para o declínio da imprensa local em diversos lugares no mundo, inclusive na América Latina.

Os desertos de notícias não são um fenômeno somente da América Latina. Incluindo o Brasil, vários países do mundo registram esse fenômeno de desertificação midiática. A partir de estudos sobre a mídia local nos Estados Unidos, a jornalista e pesquisadora no Centro de Inovação e Sustentabilidade de Mídia Local da Escola de Mídia e Jornalismo na Universidade da Carolina do Norte (EUA), Penelope Muse Abernathy, desenvolveu, em 2018, o relatório *The Expanding News Desert*, que classifica desertos de notícias como municípios que possuem acesso limitado a notícias e informações confiáveis.

Abernathy mapeou os desertos de notícias nos Estados Unidos, no período de 12 anos (2004-2016), conseguindo identificar que este fenômeno não é resultado apenas de falta de informação, mas também de uma perda de identidade e de coesão social. As comunidades deixam de ter um meio jornalístico para discutir, cobrar e fiscalizar o poder público. Sua pesquisa teve origem em uma preocupação fundamental com a sobrevivência da comunicação local e a importância que ela desempenha nas comunidades.

No Brasil, o Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), atua desde 2017 mapeando o jornalismo local por meio do Atlas da Notícia. O *Atlas* define *desertos de notícias* como regiões em que a produção jornalística é extremamente escassa ou inexistente, resultando em uma falta de informação relevante para a população local. Já os *quase desertos* referem-se a áreas que, embora apresentem alguma produção de conteúdo jornalístico, esta ainda é insuficiente para atender às necessidades informativas da comunidade. O Projor em parceria com a agência Volt Data Lab, essa pesquisa define "desertos de notícias" como municípios a partir de uma população média de 7,1 mil habitantes, sem cobertura de mídia local. Essas localidades representam

62,6% das cidades brasileiras. Embora correspondam à maior parte do total de municípios, elas abrangem 37 milhões de pessoas, o que equivale a 18% da população nacional. A primeira edição do Atlas da Notícia publicou um recorte sobre jornais impressos e veículos online de notícias. Desde então, têm fornecido dados sobre o jornalismo local, principalmente elencando a ascensão desse tipo de produção no digital (Projor, 2023).

Dessa forma, o conceito de desertos de notícias traz à tona um debate importante sobre o futuro do jornalismo e o papel fundamental que ele desempenha para a democracia. A ausência de uma cobertura jornalística local e diversificada em determinadas regiões representa um enfraquecimento da capacidade de fiscalização e da participação cidadã, para a construção de uma sociedade mais justa e informada.

Diante da escassez midiática, a mídia local e/ou independente é fundamental na cobertura de pautas mais delimitadas geograficamente, principalmente em comunidades distantes dos grandes centros urbanos ou não cobertas por conglomerados midiáticos. Na última edição do Atlas da Notícia, lançada em agosto de 2023, existem 14.403 veículos de notícias em atuação no Brasil, sendo que, desse total, 1.242 são emissoras de TV, 4.823 são rádios, 3.004 impressos e 5.355 online. No Nordeste há 2.740 veículos de notícias ativos, sendo 205 TVs, 1.013 rádios, 207 impressos e 1.318 online. (Correia, 2023).

Em 2020, a Agência Pública lançou o Mapa do Jornalismo Independente do Brasil, que catalogou iniciativas deste gênero no país, selecionando projetos coletivos ou aqueles que são o seu fruto, que não estão ligados a grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas. “Uma iniciativa inédita que visa contribuir para a visibilidade da cena independente na mídia brasileira.” (Silva, 2017, p.78). Há também o Mapa Cajueira, desenvolvido em 2023 por Marco Antônio Ferro, em parceria com a Cajueiro, curadoria independente do Nordeste. O Mapa Cajueira identifica, sistematiza e divulga a produção jornalística independente e colaborativa em todo o Nordeste.

Dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), em 2023,

informam que 85% da população brasileira, ou seja, 218 milhões de pessoas têm acesso a internet de banda larga fixa e móvel. Os números são mais evidentes em regiões urbanas, especificamente nas capitais das regiões Sul e Sudeste,

onde a infraestrutura das telecomunicações é mais avançada. Entretanto as desigualdades se mantêm nas regiões Norte e Nordeste, nas quais a qualidade é limitada devido aos custos elevados e ausência de infraestrutura adequada (Anatel, 2023).

Já a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2023 revelou avanços significativos no acesso à internet no Brasil, em particular em áreas rurais. O estudo revelou que houve aumento de 1 ponto percentual em relação a 2022, em áreas urbanas chegou a 94,1% ao passo que nas rurais chegou a 81,0% mostrando um crescimento nessas regiões. No entanto, desconformidades regionais perduram. A região Nordeste apresentou o menor índice de usuários de internet, com 89,1% da população conectada em 2023, em contraste com o Centro-Oeste, que liderou com 95,4% de usuários (PNAD, 2023).

Em Pernambuco, a situação também é marcada por tentativas locais que buscam ampliar o acesso à internet e reduzir as desigualdades digitais. A Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação de Pernambuco (SECTI) tem investido em projetos de inclusão digital, como o Pernambuco Conectado, que tem como objetivo aumentar a cobertura de internet em regiões de difícil acesso. Além disso, projetos como o Wi-Fi Conecta Recife têm se dedicado a levar internet de forma gratuita para diversas praças e locais públicos da cidade, especialmente em áreas periféricas, aumentando o acesso à informação para comunidades em situação de vulnerabilidade.

Diante desse avanço da internet, o jornalismo local e independente tem crescido no digital. Ainda de acordo com o Mapa Cajueira, dos 2.589 veículos de jornalismo independente no Nordeste, 1.180 estão no ambiente digital, e em Pernambuco 85% são online. Vale ressaltar que o Nordeste tem 2.589 veículos de jornalismo independente. Desse total, 271 veículos estão ativos em Pernambuco, conforme levantamento do Mapa Cajueira (2023).

Uma pesquisa realizada pelo PoderData entre os dias 11 e 13 de outubro de 2021 aponta que a internet e a televisão são os meios mais utilizados pelos brasileiros para se informar. De acordo com o levantamento, 43% da população se informa primariamente pela web, sendo que 22% acessam notícias por meio das redes sociais e 21% por sites e portais. A televisão, por sua vez, é o meio mais frequente de busca por informações para 40% dos entrevistados. O rádio é escolhido por 7% das pessoas, enquanto 8% preferem outros meios de comunicação. Além disso, 2% dos participantes optaram por não responder à pesquisa (Poder360, 2021).

Esses dados sobre os meios de comunicação mais utilizados pelos brasileiros refletem uma realidade em que a internet e a televisão desempenham um papel central na formação da opinião pública. Nesse contexto, o jornalismo independente, conforme descrito por Mariana Reis (2017), surge como uma alternativa importante, já que se caracteriza pela falta de vínculos com grandes grupos empresariais, oferecendo uma abordagem mais livre e sem as influências das grandes corporações midiáticas. Alves e Maciel (2024) destacam que, especialmente no Nordeste, o jornalismo independente se desenvolve como uma resposta à concentração midiática nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, que tendem a marginalizar as realidades locais e periféricas. Assim, ao lado dos grandes meios de comunicação, o jornalismo independente contribui para diversificar as fontes de informação e aproximar o público de questões mais pertinentes à sua realidade.

O jornalismo independente, especialmente nas regiões periféricas, desempenha um papel crucial no combate aos desertos de notícias, fenômeno que tem se tornado cada vez mais preocupante em várias partes do mundo, principalmente em áreas distantes dos centros urbanos. Enquanto a concentração midiática nos grandes centros urbanos pode resultar em uma cobertura limitada ou distorcida das realidades locais, o jornalismo independente busca suprir essa lacuna, oferecendo uma informação mais diversificada e próxima da realidade das populações marginalizadas.

Peruzzo (2020, p.29) ressalta que "os desertos de notícias são lugares

onde a informação é escassa, distorcida ou inacessível, o que coloca em risco a formação de uma opinião pública bem-informada". A falta de cobertura jornalística de qualidade nessas áreas pode levar a um empobrecimento do debate público e a uma maior dificuldade em atender às necessidades da população, que perde a capacidade de acessar informações sobre temas essenciais, como política, saúde e economia.

O declínio da visibilidade da mídia local faz parte de um quadro de modificações econômicas e sociais. Sem uma cobertura local, os cidadãos se tornam mais suscetíveis à desinformação, pois dependem de fontes externas que podem não estar integradas com as singularidades de suas realidades. Abernathy (2018), aponta que a perda de jornais locais em um estado tem o potencial de afetar os residentes em muitos outros estados, uma vez que as agências governamentais costumam confiar nas reportagens locais para ajudar a identificar e conter as crises de saúde pública e avaliar o impacto dos desastres ambientais.

De acordo com o levantamento feito pelo Atlas da Notícia em 2023, Pernambuco apontou uma diminuição na quantidade de cidades classificadas como desertos de notícias, com 36 municípios deixando essa categoria. Contudo, o estado ainda possui 93 cidades que são consideradas desertos noticiosos. Esse número representa 50,3% do total de municípios pernambucanos.

Com a redução dos desertos midiáticos no estado, o Coletivo Acauã, criado em 2022 pela jornalista Gêssica Amorim, a princípio como um projeto para a conclusão de Comunicação Social na Universidade Federal de Pernambuco - Campus Agreste, se expandiu e produz conteúdos sobre a realidade dos municípios de Betânia (Sertão de Moxotó), Flores (Sertão de Pajeú), Catende e no Agreste, que são classificados como desertos de notícias (Projor, 2023).

Com base no Mapa Cajueira (2023) e no Mapa de Redação de Jornalismo Independente do Nordeste (Alencar; Buarque; Cantanhêde, 2024) tive a oportunidade de conhecer os veículos no sertão nordestino, incluindo os

coletivos. A partir do contato com o trabalho do Acauã, decidi construir uma pesquisa que destaque o papel dos veículos de jornalismo independente em áreas de quase desertos de notícia como é o caso desse coletivo, especialmente em regiões periféricas e marginalizadas no Nordeste.

Andrade e Pereira (2018) explicam que não há um consenso no que diz respeito a definir o que são coletivos de comunicação, porém é possível entendê-los com base em estudos já disponíveis e observando a sua atuação. “Os coletivos de comunicação se caracterizam pela adoção de práticas colaborativas, modelo horizontalizado, criando novas rotinas e recorrendo a jornalistas, bem como amadores e a não profissionais da área de comunicação”. (Andrade; Pereira, 2018, p.10).

Com a transformação no padrão de consumo de informações, o que antes ocorria majoritariamente por meio da televisão ou do rádio, atualmente é predominantemente realizado pelas redes sociais, o que leva a um aumento significativo no uso da internet. Em Pernambuco, apesar da existência de iniciativas que visam ampliar o acesso à internet, como o programa Pernambuco Conectado, que leva conectividade às áreas mais remotas do estado, ainda há desafios no acesso a informações precisas e qualificadas. Embora a população busque outras fontes para se informar, essa lacuna de acesso impacta diretamente a qualidade da informação disponível. Nesse contexto, o Coletivo Acauã tem um papel fundamental na construção de uma comunicação mais acessível, voltada para as pessoas que integram as comunidades das cidades de Betânia e Flores.

Com base nessas informações, eu atuando como nordestina e pesquisadora-artesã (Bonin, 2011), apresento este estudo com o intuito de valorizar o papel dos veículos de jornalismo independente em áreas de quase desertos de notícias no Nordeste. E foi pensando nesse propósito, que conheci o trabalho do Coletivo Acauã, meio independente que atua no Sertão e Agreste de Pernambuco.

Os coletivos de jornalismo no Nordeste enfrentam inúmeros desafios, como a falta de recursos financeiros, equipes reduzidas e a pressão de autoridades na cobertura do poder público. Coletivos como o Acauã, no

entanto, são um exemplo de como esses veículos podem contribuir para a democratização da informação e para o fortalecimento da cidadania.

Diante desses desafios, o Coletivo Acauã trabalha com estratégias inovadoras na produção de jornalismo local para alcançar o público que reside em vazios de notícias, principalmente com foco na cultura desses municípios. Portanto, o Coletivo Acauã incorpora uma instância pertinente de que pode contribuir para a democratização da informação e o fortalecimento da cidadania quando se trata dos desafios e limitações locais.

O presente trabalho parte da seguinte pergunta: **Como o Coletivo Acauã atua na cobertura de municípios classificados como quase desertos de notícias no sertão de Pernambuco?** Trabalhei com três abordagens metodológicas: estudo de caso (Yin, 2015) por analisar um fenômeno de desertificação midiática no sertão nordestino; análise de conteúdo (Bardin, 2015), por observar as produções de conteúdos locais (títulos e informações contidas nas matérias e reportagens) produzidas pelo Coletivo Acauã. Além de entrevistas semi-estruturadas com a fundadora do Coletivo, Géssica Amorim. Parti do processo metodológico defendido por Minayo (2017) para entrevistas semi-estruturadas, que visa proporcionar uma flexibilidade com o intuito de explorar as respostas da entrevistada de forma espontânea.

O presente estudo reconhece iniciativas como o Coletivo Acauã, que desempenham um papel crucial ao fornecer uma alternativa de informações apuradas e com a participação de moradores locais em quase desertos de notícias. Convém ressaltar, que a maior parte dessas produções do Coletivo é voltada à cultura local, evidenciando o protagonismo da população, no entanto outras temáticas relevantes, como saúde, educação etc., não encontram uma cobertura tão notória pelo veículo independente. Essa problemática é evidenciada em capítulos seguintes, convido você, leitor(a), a mergulhar nesta pesquisa e anotar suas impressões.

2 DESERTOS DE NOTÍCIAS

Apesar de não haver um consenso sobre as definições do termo *news deserts* (desertos de notícias), este recebe várias denominações como a escassez de cobertura jornalística local. A partir de estudos sobre a mídia local nos Estados Unidos, a jornalista e pesquisadora no Centro de Inovação e Sustentabilidade de Mídia Local da Escola de Mídia e Jornalismo na Universidade da Carolina do Norte (EUA), Penelope Muse Abernathy, desenvolveu o relatório *The Expanding News Desert*, que classifica desertos de notícias como municípios que possuem acesso limitado a notícias e informações confiáveis.

O relatório de 2020 do Centro de Pesquisa e Inovação – “Desertos de notícias e jornal fantasma: as notícias locais irão sobreviver?”, publicado durante a pandemia de Covid-19, potencializa algumas das consequências apontadas nos relatórios anteriores. Em apenas alguns meses, a pandemia e a recessão que se seguiu aceleraram a perda de notícias locais (Abernathy, 2020).

Nessas regiões, questões importantes muitas vezes passam despercebidas, e as comunidades enfrentam dificuldades para acessar informações relevantes sobre seus próprios contextos sociais, econômicos e políticos. Contudo, o fenômeno dos desertos de notícias se refere a áreas geográficas nas quais a cobertura jornalística é insuficiente ou inexistente, resultando em comunidades com acesso limitado a informações locais essenciais.

Conforme citado na introdução deste trabalho, a desertificação midiática é um fenômeno mundial. Na Espanha, Negreira-Rey *et al.* (2023, p.3) consideram que desertos de notícias são aquelas comunidades pequenas e delimitadas ou áreas geográficas que não são cobertas por nenhuma mídia para os seus cidadãos.

É possível, portanto, confirmar que quanto menor a população de um município, maior a probabilidade de ser um deserto de notícias, embora a correlação não implique causalidade e o fator

populacional não explica sua aparência, ou não é a única razão. (Negreira-Rey *et al.* 2023, p.7 tradução da autora).¹

O relatório de 2022 sobre os desertos de notícias em Portugal revelou que 54 municípios do país não possuíam meios de comunicação próprios, enquanto outros 24 contavam com apenas uma mídia, a qual não atendia sua comunidade de forma regular (Jerónimo *et al.*, 2022).

Sem meios de comunicação próprios, a comunidade de Manteigas precisou recorrer a jornais e rádios de outros municípios, além de fontes alternativas de informação, para se manter informada sobre o andamento dos incêndios. Meses após os incidentes, o prefeito de Manteigas, Flávio Massano, foi um dos convidados a participar de uma mesa-redonda sobre a falta de jornalismo local, durante o lançamento do relatório sobre os desertos de notícias em Portugal, na Universidade da Beira Interior (Torre, 2022).

Em um censo realizado entre 2021 e 2022, o Atlas da Notícia constatou uma queda de 9,5% no número de cidades consideradas desertos de notícias, ou seja 13,8% da população brasileira estaria em locais que não possuem informação jornalística local. (Atlas da Notícia,2022)

A escassez de cobertura jornalística nas áreas menos atendidas tem se mostrado um desafio crescente, prejudicando não só o acesso à informação, mas também enfraquecendo o tecido social dessas comunidades. Segundo Medeiros (2020), a ausência de meios de comunicação locais cria um vazio informativo, o que resulta na perda de coesão social e enfraquece a identidade cultural das populações, que ficam sem um espaço para debater questões locais e compartilhar suas realidades. Nesse contexto, a falta de jornalismo local se torna uma ameaça à democracia, uma vez que a população perde a capacidade de participar plenamente da esfera pública e, além disso, fica mais vulnerável à desinformação.

Os desertos privam a população de ter informações sobre a própria realidade, além de impactar nas relações sociais entre moradores e na manutenção de identidades culturais locais,

¹ *It is possible, therefore, to confirm that the smaller the population of a municipality, the greater the probability of it being a news desert, although correlation does not imply causality and the population factor does not explain its appearance, or is not the only reason*

representando uma ameaça à democracia em meio à crise de credibilidade midiática que vem sendo amplificada pela emergência das fake news. (Medeiros, 2020, p.374).

Próximos a esses desertos de mídias no Nordeste, há veículos locais que tentam alcançar comunidades carentes de informação de qualidade. Nesse sentido, o jornalismo independente e local tem sido fundamental no combate à desinformação e em ocupar vazios informacionais no sertão. Esses meios surgem como uma resposta criativa e colaborativa para suprir essa carência informativa, promovendo a participação cidadã. Ainda que essa resposta não seja a solução definitiva para preencher as lacunas de notícias nesses municípios.

A produção de notícias locais desempenha um papel fundamental na configuração e perpetuação dos desertos de notícias, sendo um elemento chave no processo de diminuição da cobertura jornalística em determinadas regiões. Gulyas (2020) discute como o enfraquecimento dos recursos locais para a produção de jornalismo pode ter efeitos significativos na formação de tais desertos, uma vez que a falta de financiamento e apoio à mídia local dificulta o acesso das populações às informações que mais impactam suas vidas diárias.

A produção de notícias locais é uma parte importante do discurso nos desertos de notícias, visto que é visto como um fator-chave força no surgimento e formação de desertos de notícias. Para por exemplo, mudanças na capacidade e na qualidade dos recursos locais o jornalismo é um fator primordial. (Gulyas, 2023, p.286 - tradução da autora) ²

² *Local news production is an important part of the discourse on news deserts, as it is seen as a key factor in the emergence and formation of news deserts. For example, changes in the capacity and quality of local journalism resources are a key factor*

Torre e Jerónimo (2023) abordam a desinformação como um fenômeno local e não apenas global, pois é amplificado pela velocidade das redes sociais, tendo sua capacidade de enganar e manipular a opinião pública aumentada. O fenômeno da desinformação, embora não seja recente, é potencializado pela rapidez das redes sociais, o que intensifica sua capacidade de confundir e iludir a opinião pública.

A disseminação de informações deliberadamente falsas ou gravemente distorcidas nas redes sociais foi denominada “fake news”, uma expressão originada na prática jornalística, mas que tem sido contestada na literatura acadêmica devido ao uso do termo “news” (notícia) em sua composição, além de carregar uma conotação política que visa deslegitimar os meios tradicionais de comunicação (Rieder, 2018; Baptista; Jerônimo *et al.*, 2022). Diante dessa problemática, a Comissão Europeia optou por adotar o termo “disinformation” (“desinformação”) em seus relatórios, a fim de abranger um espectro mais amplo de conteúdos enganosos ou fraudulentos que circulam na esfera pública. Isso ocorre porque, nas plataformas de mídia social, em que boa parte do conteúdo de desinformação é compartilhado, os processos de disseminação das informações vão resultar de uma combinação de ações de filtragem (Baptista; Gradim, 2020).

Com a expansão da internet e, posteriormente, das redes sociais, é possível se manter informado acerca dos acontecimentos mais relevantes do dia a dia, em escala local, regional, nacional e global. Nesse cenário digital, o WhatsApp continua sendo uma plataforma popular para o consumo de notícias no Brasil. No entanto, a confiança nas notícias compartilhadas por meio do WhatsApp é relativamente baixa. Pesquisa realizada pelo *Reuters Institut* em 2018, indicou que 53% dos brasileiros confiam nas notícias recebidas pelo WhatsApp, refletindo uma desconfiança significativa em relação ao conteúdo compartilhado nessa plataforma. Nesse contexto, há uma seleção de temas e pautas que são divulgados pela mídia, o que acaba limitando a abrangência da informação disponível ao público.

Apesar dos avanços das redes sociais digitais, a mídia continua a exercer uma influência significativa na sociedade, especialmente no que diz respeito à

formação da opinião pública. Embora as plataformas digitais tenham transformado o ecossistema da comunicação, a mídia local ainda desempenha um papel central em atender aos interesses coletivos, fornecendo informações que moldam as decisões políticas, econômicas e sociais. Nesse contexto, a mídia é frequentemente referida como o "quarto poder", um conceito desenvolvido por Walter Lippmann (2009), que destaca a função essencial dos meios de comunicação como agentes de fiscalização e controle, ajudando a manter o equilíbrio de poder entre o governo, as instituições econômicas e a sociedade civil.

Lippmann (1922) argumenta que, ao informar o público e promover o debate, a mídia garante a transparência nas ações do Estado e, ao mesmo tempo, assegura que os interesses da população sejam representados. No entanto, a crescente proliferação de informações digitais tem gerado uma dicotomia entre a mídia tradicional e as novas formas de comunicação, especialmente em nível local, onde o acesso à informação precisa ser mais próximo das realidades regionais.

Nesse cenário, a mídia local se torna ainda mais crucial, pois é fundamental para a cobertura de assuntos que impactam diretamente as comunidades. Ela atua como um elo entre a população e as autoridades locais, além de ser responsável por informar sobre questões regionais que muitas vezes não são amplamente abordadas pela grande mídia nacional. Em um contexto de crescente desinformação, a mídia local possui a vantagem de sua proximidade com o público, o que permite um nível maior de credibilidade e confiança na disseminação de informações relevantes para o cotidiano das pessoas. A mídia local, portanto, tem a responsabilidade de atuar como um guardião da verdade e fornece uma plataforma para que as vozes locais sejam ouvidas, contribuindo assim para o fortalecimento da esfera pública e para a construção de uma sociedade mais informada e participativa.

Dentro da perspectiva da escala geográfica, Sônia Aguiar (2015) define a mídia local como uma questão da escala a partir da qual se observam as práticas midiáticas em questão: se um bairro, uma comunidade, uma cidade ou um

município; ou se um aglomerado de localidades reconhecido por uma identidade (geográfica, sociocultural, histórica) ou por uma denominação político-administrativa.

A forma como um determinado território é analisado pode variar dependendo da magnitude do fenômeno ou processo em questão, que pode se manifestar de maneira distinta em escalas locais, regionais, nacionais ou globais. Essa diferenciação permite uma compreensão mais precisa das dinâmicas espaciais, pois cada recorte espacial traz consigo uma série de particularidades, que exigem diferentes métodos e enfoques para serem adequadamente compreendidos. Assim, a escala geográfica é um conceito essencial para entender a complexidade e a diversidade da realidade espacial, permitindo que se analisem fenômenos em suas múltiplas dimensões e contextos.

A escala geográfica da mídia desempenha um papel crucial na compreensão das disparidades informativas que marcam as regiões periféricas em comparação com os centros urbanos. Em “A natureza do espaço”, Santos (2006) ratifica que “o controle centralizado e organização hierárquica conduzem à instalação de estruturas inegalitárias, já que a informação essencial é exclusiva e apenas transita em circuitos restritos” (Santos, 2006 p.120). O mesmo argumento é visto em “O espaço do cidadão” (2007), obra na qual afirma que “o homem moderno é, talvez, mais desamparado que os seus antepassados, pelo fato de viver em uma sociedade informacional que, entretanto, lhe recusa o direito a se informar” (Santos, 2007 p.155).

Em cidades de médio e grande porte, observa-se uma concentração significativa de empresas de comunicação social, refletindo a complexidade e a diversidade dessas áreas urbanas. Deolindo (2014) argumenta que em cidades distantes dos grandes centros metropolitanos, há uma escassez notável de tais empresas, o que pode resultar em uma cobertura informativa limitada e em desafios para a disseminação de notícias locais.

No caso do Brasil, as indústrias de mídia estão concentradas em determinados espaços que dispõem de: (1) diversos

elementos que historicamente favoreceram um contexto de produção cultural, intelectual e artística de referência; (2) maior arrojo econômico, típico dos grandes centros urbanos onde essas empresas estão sediadas (Deolindo, 2014, p.81).

Além disso, Pinto (2013) observa que a mídia regional não deve ser vista como uma versão inferior da mídia nacional, mas como um elemento integrante do sistema midiático brasileiro, com características próprias que atendem às demandas e especificidades locais.

Não existe uma “escala” consensual para dimensionar a atuação das mídias no Brasil, seja no âmbito nacional ou regional. Simplificações como as redes de televisão (aí se englobam diversos tipos de emissoras de diferentes tipos de área de cobertura) ou os grandes jornais (com distribuição limitada) enquanto representantes nacionais obliteram a heterogeneidade do conceito regional, que possui diferentes níveis de atuação (Pinto, 2013, p. 8).

Em Pernambuco, as cidades de médio e grande porte apresentam estruturas mais complexas e uma maior oferta de serviços. No entanto, em áreas menos densamente povoadas, distantes dos grandes centros metropolitanos, observa-se uma escassez de mídia local. Essa lacuna informacional é ainda mais preocupante quando consideramos os desafios enfrentados por essas regiões em termos de desenvolvimento humano e infraestrutura. Além disso, o estado enfrenta desafios significativos em relação ao saneamento básico. Em 2020, o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) indicou que 81,7% da população pernambucana tinha acesso ao sistema de rede de água, enquanto 30,8% residiam em domicílios com sistema de rede de coleta de esgoto (SNIS,2020).

A escassez de uma mídia local robusta nessas áreas resulta em uma maior vulnerabilidade à corrupção, pois a população não tem tanto acesso a fontes confiáveis e contextualizadas de informação, contribuindo para um ciclo de exclusão social e falta de engajamento cívico, como no caso de uma maior rede de saneamento básico.

2.1 Quase desertos de notícias

Os "quase-desertos de notícias" referem-se a regiões ou contextos nos quais a produção jornalística é escassa, mas não completamente ausente, resultando em uma cobertura informativa limitada ou distorcida. Esse fenômeno é frequentemente observado em áreas mais remotas ou em contextos de mercados de mídia altamente concentrados, nos quais poucos veículos de comunicação dominam a oferta de notícias.

De acordo com o Atlas da Notícia, em 2023, o Brasil registrou uma redução de 8,6% nos desertos de notícias, indicando um aumento na presença de veículos jornalísticos em diversas regiões. No entanto, ainda existem 2.712 municípios sem acesso a notícias locais, representando 13,2% da população brasileira. Ainda de acordo com o Atlas, o Nordeste continua sendo a região com o maior número de desertos de notícias. Pernambuco destacou-se como um dos estados que apresentou maior número de cidades saindo da lista dos desertos de notícias. Em 36 municípios desse estado, o Atlas identificou a presença de veículos de comunicação que não estavam registrados anteriormente em sua base de dados (Atlas, 2023).

Os meios de comunicação desempenham um papel vital na construção da comunidade, produzindo senso de identidade geográfica, alimentando a coesão social e o ativismo político de base. Além disso, ajudam a definir a agenda de debate de questões importantes e influenciam a política e as decisões políticas que a comunidade toma. Anúncios impulsionam o comércio local e o crescimento econômico regional.

Em áreas que enfrentam a escassez de notícias, essas funções podem ser prejudicadas, uma vez que os cidadãos têm acesso limitado à informação de interesse público e à cobertura de questões locais que afetam diretamente suas vidas. A falta de informações de qualidade pode resultar em uma população desinformada, com pouco conhecimento sobre questões políticas, econômicas ou sociais, o que compromete a participação ativa da sociedade nas decisões democráticas.

A presença de veículos jornalísticos locais, mesmo em áreas consideradas quase desertas de notícias, desempenha um papel crucial para contrabalançar esse quadro. Ao fornecer informações relevantes, esses meios de comunicação ajudam a fortalecer a democracia local, permitindo que os cidadãos participem de forma mais consciente e informada da vida pública. A expansão desses veículos, seja por meio de iniciativas jornalísticas independentes, ou por projetos de mídia comunitária, torna-se um fator determinante na luta contra os quase desertos de notícias, proporcionando uma alternativa à centralização e à homogeneização da informação, garantindo maior diversidade e pluralidade de vozes no debate público. Entretanto, a solução para esse problema não é simples. A sustentabilidade financeira desses meios é um desafio constante, principalmente em contextos nos quais a publicidade e a rentabilidade são incertas. Por isso, políticas públicas que incentivem a criação e manutenção de veículos jornalísticos locais, além de promover a capacitação de jornalistas e a democratização da distribuição de informações, são fundamentais para mitigar os efeitos dos quase desertos de notícias.

2.2 Não tão desertos assim...

Apesar da crescente preocupação com os "desertos de notícias", que se referem a regiões com escassez de cobertura jornalística, há uma realidade que precisa ser considerada: muitas dessas áreas, mesmo com desafios, não estão completamente desprovidas de informação. O termo "não tão desertos assim" reflete a complexidade da situação, em que, embora a produção jornalística convencional possa ser limitada, alternativas de comunicação e novas formas de disseminação de notícias têm surgido, desafiando a ideia de uma total ausência de informação.

Essas alternativas incluem o surgimento de veículos de comunicação independentes, o fortalecimento do jornalismo comunitário e o uso de plataformas digitais como ferramentas de mobilização e difusão de conteúdo.

Em muitos lugares, a falta de grandes jornais ou emissoras de TV é compensada pela iniciativa de pequenos grupos e organizações locais que utilizam as redes sociais e outras formas de comunicação para cobrir eventos, promover debates e divulgar questões de interesse local. Por exemplo, em diversas regiões do Brasil, iniciativas como blogs comunitários, podcasts e páginas no Facebook têm desempenhado um papel crucial na cobertura de eventos regionais, mesmo na ausência de veículos de comunicação tradicionais.

Além disso, o aumento do consumo de notícias por meio de plataformas digitais também tem contribuído para mitigar os efeitos da escassez de veículos jornalísticos convencionais. A internet passou a ocupar um espaço maior, já que no que diz respeito ao jornalismo local, ela oferece novas possibilidades de acesso à informação e proporciona canais alternativos para a difusão de notícias. Isso é especialmente relevante para áreas com dificuldade de acesso a jornais impressos ou programas de TV, onde as tecnologias móveis e as redes sociais funcionam como uma ponte para o fluxo informativo.

Outro aspecto importante a ser considerado é a adaptação do jornalismo local às novas realidades. A convergência digital tem permitido que muitas redações locais se reestruturem e explorem novos formatos de produção de conteúdo, como vídeos curtos, infográficos interativos e outras formas de comunicação mais ágeis e adaptadas ao consumo atual. Portanto, a ideia de "não tão desertos assim" reforça que, apesar dos desafios enfrentados por algumas regiões, a dinâmica de comunicação está em constante evolução.

Ao mencionar as redações de cidades do interior que têm inovado, é importante destacar exemplos específicos que demonstram essa transformação. Um exemplo é o Jornal do Comercio, de Recife, que tem investido fortemente em vídeos e transmissões ao vivo, principalmente para coberturas de eventos locais e notícias de última hora. Essas iniciativas visam se aproximar ainda mais do público, proporcionando uma comunicação mais dinâmica e interativa, adaptada às novas demandas da audiência. A utilização dessas tecnologias é uma estratégia eficaz para manter o jornalismo relevante e acessível, além de ampliar o alcance da informação. Outro exemplo é O

Povo, de Fortaleza, que tem apostado em conteúdos multimídia, como vídeos e *podcasts*, para aprofundar sua cobertura de temas regionais e interagir de maneira mais direta com sua audiência. O jornal tem explorado essas ferramentas para oferecer uma experiência mais rica ao seu público, especialmente nas plataformas digitais, como as redes sociais. Essa adaptação às novas formas de consumo de conteúdo tem sido crucial para manter a relevância do veículo, especialmente em um cenário de crescente concorrência digital

A falta de grandes centros de mídia tradicionais não significa necessariamente a ausência de informação, mas, muitas vezes, indica uma transformação na maneira como as notícias são produzidas, consumidas e compartilhadas. O futuro do jornalismo local parece caminhar para um modelo híbrido, que combina o jornalismo convencional com novas formas de engajamento digital e comunitário, criando uma rede mais resiliente e diversificada de informações.

3 NARRATIVAS PRÓXIMAS: JORNALISMO LOCAL E INDEPENDENTE

O jornalismo local desempenha um papel essencial na consolidação da democracia e na promoção da participação cidadã. Ele se destaca por sua capacidade de abordar questões específicas e de interesse direto para comunidades que, muitas vezes, não recebem atenção adequada da grande mídia. De acordo com José Marques de Melo (2003), os meios de comunicação locais desempenham um papel fundamental ao conectar as demandas da população às decisões políticas e administrativas, funcionando como mediadores entre as esferas pública e privada.

Essa função se torna ainda mais relevante em regiões periféricas, onde as populações muitas vezes enfrentam um déficit de representatividade em veículos de comunicação nacionais. Assim, o jornalismo local não apenas informa, mas também promove *accountability* (prestação de contas), fiscalizando o poder público e permitindo que as comunidades participem ativamente do processo democrático. Outro aspecto importante do jornalismo local é sua capacidade de mediar debates e estimular o senso de pertencimento comunitário. Por meio dessa pluralidade, o jornalismo local é capaz de representar vozes diversas, incluindo aquelas que historicamente foram silenciadas, contribuindo para o fortalecimento da cidadania e da democracia.

O jornalismo local desempenha um papel único ao registrar, preservar e valorizar as identidades culturais e territoriais das comunidades. Nesse sentido, jornais, rádios e outros meios de comunicação desempenham a função de cronistas da vida cotidiana, ao registrar acontecimentos que moldam as histórias das comunidades e suas identidades coletivas. Além disso, o jornalismo local também é uma ferramenta poderosa de resistência contra a globalização cultural, que muitas vezes impõe valores e narrativas distantes da realidade de pequenas cidades ou regiões periféricas. A valorização de histórias locais e a promoção de iniciativas comunitárias ajudam a manter vivas as tradições culturais, reforçando o senso de pertencimento e a memória coletiva de uma região. Isso é particularmente importante em contextos em que

há risco de apagamento cultural ou marginalização de vozes locais.

O jornalismo local também se destaca no combate à desinformação e no fortalecimento do acesso à informação de qualidade. Em um contexto marcado pela proliferação de *fake news*, os veículos locais podem atuar como fontes confiáveis, ao oferecer uma cobertura mais próxima da realidade da comunidade.

Enquanto a desinformação propaga-se com elevado potencial de dano à democracia, designadamente ao nível mais local, dada a relação de proximidade e os recursos humanos escassos que muitos meios regionais vivenciam, o engajamento das comunidades locais pode ser aproveitado também para combater a desinformação em nível local, uma vez que gozam de uma relação especial de confiança e conexão emocional com o público por supostamente defenderem os mesmos interesses e veicularem informações de interesse daquela comunidade específica em que também os jornalistas estão inseridos. (Torre; Jerónimo, 2023, p. 7).

Além disso, a proximidade com o público confere aos veículos locais uma relação de confiança difícil de ser replicada pelos grandes conglomerados midiáticos. Essa aproximação permite que o jornalismo local não apenas informe, mas também eduque a população, promovendo o pensamento crítico e a consciência cidadã. Essa relação de confiança é essencial para manter a relevância do jornalismo em uma sociedade cada vez mais digitalizada e saturada de informações, na qual distinguir fato de opinião ou notícia de boato se torna um desafio constante.

Embora a presença de veículos de comunicação locais possa contribuir para uma maior transparência e aproximação entre os poderes públicos e a sociedade, a simples existência desses meios não garante automaticamente uma relação ética e transparente. Segundo Venício Lima (2007), a comunicação local deve ser acompanhada de um compromisso com a qualidade jornalística, a imparcialidade e a independência editorial para efetivamente desempenhar seu papel na promoção da cidadania e no controle social. Sem esses elementos, a mídia local pode ser facilmente manipulada ou cair em práticas que distorcem a informação, prejudicando o entendimento público sobre questões importantes. A transparência e a ética, portanto, dependem não apenas da presença de veículos de comunicação, mas também

da forma como eles operam e se comprometem com os princípios fundamentais do jornalismo.

Embora seja inegável a relevância do jornalismo local, ele enfrenta desafios significativos, especialmente em relação à sustentabilidade financeira e à adaptação às novas tecnologias. De acordo com Deuze e Witschge (2015), a transformação do jornalismo na era digital vai além da simples adaptação das práticas tradicionais. Eles argumentam que o jornalismo, enquanto campo de atividade profissional, está sendo cada vez mais influenciado pela convergência de mídias e pelo uso de novas tecnologias, resultando em uma redefinição do papel dos jornalistas e das formas de produção de notícias. Em vez de se limitar à produção de conteúdos informativos de maneira tradicional, o jornalismo contemporâneo se expande para incluir práticas mais colaborativas, interativas e descentralizadas, caracterizando um cenário em que a produção e o consumo

de notícias estão cada vez mais em mãos do público e de múltiplos agentes, não apenas dos meios de comunicação estabelecidos.

Outro desafio é a precarização do trabalho jornalístico. Em muitas regiões, a redução de receitas provenientes de assinaturas e publicidade tem levado à redução das equipes de redação, comprometendo a qualidade do conteúdo. Mesmo assim, muitos veículos locais têm encontrado alternativas criativas, como o financiamento coletivo, a criação de modelos de assinatura digital e a parceria com organizações da sociedade civil. Além do *The Intercept Brasil*, *Mural* e *Jornal do Comercio*, outros veículos locais também têm encontrado formas criativas de superar a precarização do trabalho jornalístico. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, após sua transição para o digital, tem apostado em um modelo de assinaturas digitais e em parcerias com outras organizações de mídia e iniciativas de crowdfunding, visando diversificar suas fontes de receita e garantir a continuidade da produção jornalística independente. O *Nexo Jornal*, de São Paulo, combina assinaturas pagas com financiamento coletivo, permitindo que seus leitores apoiem diretamente o trabalho de investigação e análise profunda. Já o *Gazeta do Povo*, de Curitiba, investe em conteúdo exclusivo para assinantes e estabelece parcerias com

iniciativas de jornalismo independente para ampliar a cobertura de temas locais e nacionais. O Jornal A Tarde, de Salvador, tem buscado inovações por meio de parcerias com startups e organizações da sociedade civil, além de oferecer informações exclusivas para seus assinantes. Essas estratégias buscam garantir a continuidade de um jornalismo local forte, que possa continuar cumprindo sua missão de informar e conectar comunidades.

O jornalismo local e o jornalismo comunitário possuem interseções significativas, compartilhando objetivos relacionados à proximidade com as comunidades e à valorização das realidades regionais. Enquanto o jornalismo local geralmente se concentra em cobrir temas específicos de municípios ou regiões, o jornalismo comunitário vai além, ao priorizar a participação ativa da comunidade na produção e no consumo das notícias. Para Peruzzo (2009), comunicação popular, alternativa, comunitária e/ou radical se confundem:

A confusão ocorre porque, apesar de denominações diferentes, na prática, em muitos casos os objetivos, os processos desenvolvidos e a estratégia são os mesmos ou, no mínimo, semelhantes. Porém, apesar das aproximações de sentido, no percurso da democratização do país, algumas dessas denominações foram se conjugando com perfis mais específicos (Peruzzo, 2009, p.135).

Contudo, o jornalismo comunitário se diferencia por sua abordagem mais colaborativa, frequentemente utilizando mídias alternativas ou de baixo custo para alcançar públicos que estão à margem dos grandes veículos de comunicação, enquanto o jornalismo local muitas vezes opera no contexto de estruturas profissionais mais tradicionais. Essa conexão entre os dois formatos demonstra como ambos podem se complementar no fortalecimento das comunidades e na preservação de suas histórias e demandas.

O jornalismo comunitário, conceito introduzido por autores como Rodríguez (2001), é uma abordagem que visa representar as vozes e as experiências de comunidades específicas, ao invés de atender às demandas dos mercados de massa. Em muitas localidades, o jornalismo comunitário ocupa o espaço deixado pela mídia convencional, fornecendo notícias relevantes para a população local, e sendo construído de forma colaborativa, com a participação ativa das comunidades.

Embora o conceito de jornalismo comunitário seja citado no trabalho, o mesmo foi usado apenas para demonstrar a questão de relevância na produção de notícias em áreas específicas. Os conceitos mais utilizados são: jornalismo independente, local e de proximidade. Sobretudo, o conceito de jornalismo local abrange uma abordagem mais ampla, voltada para as questões de uma determinada localidade ou região, com uma perspectiva de proximidade tanto geográfica quanto social, sem necessariamente restringir-se às fronteiras de uma comunidade específica.

Ao abordar o jornalismo local e de proximidade, fica evidente a importância desses modelos na construção de um espaço informativo mais realista e de acordo com as necessidades específicas de seu público. No entanto, em um cenário de crescente concentração midiática, a sustentabilidade e a independência dessas iniciativas tornam-se desafios. É nesse contexto que surge o jornalismo independente, uma prática que busca oferecer às lógicas comerciais e políticas dominantes, focando na produção de conteúdos de acordo com a pluralidade de opiniões.

3.1 Jornalismo Independente

O jornalismo independente no Brasil tem se mostrado uma peça-chave no cenário midiático contemporâneo, especialmente em um contexto em que as grandes corporações de mídia dominam boa parte do espaço jornalístico. A autonomia editorial e a busca por um jornalismo mais crítico, diversificado e plural têm sido as marcas do jornalismo independente no país. A seguir, apresento uma análise que explora o conceito, a história, os desafios, as conquistas e as perspectivas do jornalismo independente no Brasil.

O conceito de jornalismo independente, no Brasil, refere-se a práticas jornalísticas que se distanciam dos grandes conglomerados de mídia e das influências comerciais e políticas que frequentemente moldam a produção de conteúdo jornalístico. “A noção de independência parece estar relacionada exatamente ao contraponto que deve ser estabelecido entre o ‘centro’ e a ‘periferia’. Ou seja, aqueles que se inserem na denominação ‘centro’ estariam vinculados ao poderio econômico e político que esquece as demandas da ‘periferia’ (Patrício; Batista, 2020).

Geralmente, o jornalismo independente é conceituado como aquele que não está subordinado aos interesses dos grandes grupos econômicos e políticos, buscando, assim, refletir uma diversidade de pontos de vista, muitas vezes marginalizados ou ignorados pela grande mídia (Venício Lima, 2015). O jornalismo independente, nesse sentido, visa promover uma comunicação democrática e pluralista, sendo essencial para o fortalecimento da democracia.

O jornalismo independente no Brasil tem raízes profundas, que remontam ao período colonial, quando a imprensa brasileira começava a se formar em um contexto de censura e repressão. A pesquisa Monitoramento da Propriedade da Mídia (Media Ownership Monitor ou MOM), realizada em conjunto pela ONG brasileira Interozes e a Repórteres Sem Fronteiras (RSF) e, financiada pelo governo da Alemanha, mostrou que cinco famílias controlam metade dos 50 veículos de comunicação com maior audiência no Brasil. O maior é o Grupo Globo, da família Marinho.

A partir do século XX, com a ascensão das grandes corporações de mídia, o cenário midiático passou a ser dominado por poucos grupos familiares, o que resultou na limitação das vozes dissidentes. Segundo Chomsky e Herman (1988), no livro *"Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media"*, a concentração da mídia nas mãos de grandes corporações tende a moldar as informações de acordo com os interesses econômicos e políticos dessas elites dominantes, o que restringe a diversidade de opiniões e impede que perspectivas alternativas sejam amplamente divulgadas. A mídia de massa, ao servir aos interesses dessas corporações, muitas vezes silencia críticas ou

visões dissidentes, reforçando a hegemonia de determinadas narrativas e, conseqüentemente, limitando a pluralidade necessária para um debate público saudável e democrático.

No entanto, desde a década de 1960, com o endurecimento do regime militar (1964-1985), a resistência e a busca por um jornalismo independente ganharam força. Jornais e revistas alternativas, como o "Pasquim", surgiram como espaços de resistência ao regime autoritário, oferecendo uma cobertura crítica das ações do governo e ao mesmo tempo amplificando as vozes de

segmentos da sociedade que não encontravam espaço nos grandes meios de comunicação. Esse período ficou marcado pela censura, pela repressão, mas também pelo florescimento de uma imprensa alternativa que se consolidou como importante no processo de redemocratização do país.

Greenhalgh fala de como essa imprensa alternativa durante a Ditadura Militar consistia em uma série de jornais e revistas que se opunham ao governo, funcionando como um contraponto à grande imprensa. Barato (2018) explica que mesmo usando a imprensa para se promover o governo durante a ditadura militar também impôs sanções: A imprensa também foi personagem na instauração do regime. Porém, com o decorrer dos anos, os militares impuseram grandes sanções aos meios de comunicação, usando a censura nas redações como forte elemento coercitivo (Barato, 2018).

Nos anos 2000, com a expansão da internet, surgiram novas formas de jornalismo independente. Blogs, sites alternativos e projetos jornalísticos que não estavam atrelados aos grandes conglomerados passaram a disputar atenção pública, abordando temas como direitos humanos, meio ambiente, movimentos sociais, entre outros. O advento das redes sociais também criou espaços para o jornalismo independente, que pôde se expandir sem a necessidade de grandes orçamentos ou estruturas corporativas. A Associação de Jornalismo Digital (AJOR), evidencia essa transformação no jornalismo brasileiro. Fundada em 2021, inicialmente com 30 organizações de jornalismo digital no país, atualmente conta com 154 associados.

Patrício (2022) observa que as dimensões de territorialidades e identidades no jornalismo estão inseridas em um contexto mais amplo, que envolve a oposição entre centros e periferias. E isso se situa em um aspecto histórico que aborda como as territorialidades e identidades periféricas foram frequentemente silenciadas, enquanto as realidades locais foram gradualmente homogeneizadas, em função de interesses específicos e do controle social. Apesar do crescimento do jornalismo independente no Brasil, ele enfrenta inúmeros desafios. Um dos maiores obstáculos é a escassez de recursos financeiros.

A oposição entre centros e periferias aloca o debate em

perspectivas históricas que dão conta de uma discussão sobre como essas territorialidades e identidades periféricas foram silenciadas; como as realidades foram sendo homogeneizadas na perspectiva de determinados interesses, de um controle social. Na base do silenciamento, o sistema de produção capitalista. Ao identificar o jornalismo como atividade umbilicalmente atrelada ao capitalismo, devemos perceber as relações intrínsecas que aí são estabelecidas. E o seu financiamento é uma dimensão que deve ser destacada (Patrício, 2022, p.193).

Além disso, a falta de infraestrutura tecnológica e o enfrentamento da concentração da mídia no Brasil dificultam ainda mais a tarefa dos jornalistas independentes. Os grandes meios de comunicação, como Globo, Record, e SBT, dominam a pauta pública, e os jornalistas independentes precisam lutar contra a hegemonia desses grupos para garantir visibilidade e audiência. Isso é agravado pela desigualdade no acesso à internet no Brasil, que ainda é um desafio para muitos cidadãos, especialmente nas regiões periféricas.

Outro desafio enfrentado pelos jornalistas independentes é a violência e a repressão. O Brasil é um dos países mais perigosos para o exercício do jornalismo, e os jornalistas independentes estão frequentemente na linha de frente, cobrindo temas sensíveis, como corrupção, violação de direitos humanos e problemas socioambientais. Muitos enfrentam ameaças de morte, processos judiciais e até ataques físicos por parte de grupos poderosos, incluindo políticos, empresários e traficantes.

O jornalismo independente tem um papel crucial na consolidação da democracia no Brasil. Ele atua como um mecanismo de vigilância e prestação de contas, fornecendo informações que permitem à sociedade questionar e fiscalizar o poder. Muitas das investigações realizadas por jornalistas independentes têm exposto casos de corrupção, abuso de poder e violações de direitos humanos, contribuindo para a responsabilização de autoridades e organizações poderosas.

Um exemplo notável foi a cobertura de casos como a Operação Lava Jato, que teve ampla cobertura de jornalistas independentes em diversos veículos como o "The Intercept Brasil". Além disso, a luta de jornalistas independentes também tem sido fundamental para o fortalecimento das pautas de diversidade, especialmente em relação às questões de gênero, raça e

sexualidade.

Apesar das dificuldades, o jornalismo independente no Brasil tem alcançado importantes conquistas. A pluralidade de vozes no ambiente midiático tem se expandido, permitindo que pautas antes negligenciadas pela grande mídia ganhem maior visibilidade. A criação de plataformas de jornalismo digital, como "Nexo", "The Intercept", e "Ponte Jornalismo", tem se mostrado exemplos de resistência e inovação, promovendo uma mídia mais acessível e conectada com os leitores.

O futuro do jornalismo independente no Brasil parece promissor, mas não sem desafios. A luta pela liberdade de imprensa, pela democratização da comunicação e pela garantia de condições mínimas para o exercício da profissão de jornalista será fundamental para assegurar que o jornalismo independente continue a desempenhar seu papel social. O apoio à educação midiática, ao fortalecimento das leis de proteção à liberdade de imprensa e ao incentivo a novos modelos de financiamento para veículos independentes são algumas das ações necessárias para garantir a sustentabilidade do setor.

Patrício e Batista (2017, p.10) apontam que o jornalismo independente se ambienta com a ideia de liberdade e autonomia jornalística. E é caracterizado pelos seguintes fatores: independência editorial, autonomia financeira, livre escolha em relação à publicidade, apoio financeiro por meio de doações e

vínculos na identidade cultural, territorialidade, fronteiras comunicacionais e participação de atores sociais. A noção de independência dessa linha do jornalismo, interliga-se especificamente com projetos no meio digital, como iniciativas coletivas e sem vinculação com conglomerados de comunicação que se autossustentam.

A partir disso, Reis (2017, p. 194) argumenta que o jornalismo independente “é definido, em geral, por ser um jornalismo realizado sem vinculação econômica ou editorial a grandes grupos empresariais, na perspectiva de contraposição à mídia convencional”. Esta autonomia, devemos dizer, não só em relação aos interesses do Estado, do poder e a influência

econômica dos grupos empresariais nos próprios meios de comunicação social e em vários outros setores, mas também nas práticas editoriais que, de uma forma ou de outra, impedem a atividade jornalística.

A partir do século 21 e, mais precisamente, a partir das redes sociais, muito se defende que, agora, as camadas populares podem ser vistas e se sentirem reconhecidas via Internet, especialmente a partir das redes sociais, não havendo mais necessidade da regulação do setor e de se ocupar espaços da mídia tradicional (impressa, televisiva, radiofônica) (Reis, 2017, p.199).

As iniciativas de jornalismo independente no Brasil foram sistematizadas a partir da elaboração do Mapa do Jornalismo Independente, um projeto da Agência Pública que entre novembro de 2015 e fevereiro de 2016, mapeou veículos de comunicação independentes no Brasil. Para colocar os projetos no mapa, a Pública considerou “aqueles que nascem em rede, fruto de projetos coletivos e não ligados a grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas” (Agência Pública, 2017, n.p.).

O conceito de mídia independente tem ganhado destaque em diferentes iniciativas jornalísticas, especialmente nas plataformas digitais, que proporcionam maior autonomia para os jornalistas e coletivos de comunicação. Segundo Batista e Patrício (2017), algumas dessas iniciativas enfatizam a independência como uma característica fundamental, destacando-se pela forma

como se posicionam em relação aos modelos tradicionais de mídia. Nesse sentido, a independência está não apenas ligada à forma de operação, mas também ao modo como essas mídias se distanciam da estrutura de financiamento e das influências típicas das grandes corporações de comunicação.

Em algumas iniciativas, apenas a característica de serem coletivos, como condição de independência, é explicitamente mencionada em seus discursos - partindo-se da pressuposição que todas as iniciativas foram disponibilizadas em plataformas digitais. Outras iniciativas seguem a condicionalidade da Agência Pública e reafirmam que a independência está vinculada ao contraponto estabelecido entre mídia

independente e mídia convencional ou em relação aos outros modelos de propriedade e financiamento inerentes a seu funcionamento. (Batista; Patrício, 2017, p.13).

A mídia independente também envolve uma reconfiguração dos modelos tradicionais de jornalismo, com ênfase na democratização da produção e no fortalecimento do contraponto entre as diferentes formas de mídia. Dessa forma, a mídia independente não apenas desafia os formatos convencionais, mas também abre espaço para novos enfoques e práticas jornalísticas que buscam atender de maneira mais plural e equitativa as demandas da sociedade. A análise desses modelos é essencial para compreender como as novas iniciativas jornalísticas podem transformar a paisagem midiática, especialmente nas esferas local e regional.

3.2 Jornalismo de proximidade: muito além das fronteiras geográficas

O conceito de jornalismo de proximidade refere-se a uma prática jornalística que enfatiza a cobertura de eventos e questões locais, estabelecendo uma conexão mais estreita entre os meios de comunicação e as comunidades que os atendem. Essa abordagem busca refletir as especificidades culturais, sociais e políticas de cada região, promovendo uma comunicação mais personalizada e relevante para o público local.

Pedro Jerónimo (2015) analisa como o ciberjornalismo tem transformado a imprensa regional em Portugal. Ele destaca que, apesar das inovações digitais, a imprensa regional mantém seu papel fundamental na informação local, adaptando-se às novas tecnologias para continuar atendendo às necessidades da comunidade.

A presença ou não de hipertextualidade, multimedialidade e interactividade (possibilidade de contacto entre utilizadores e jornalistas e vice-versa) é possível de ser identificada. É, pois, possível compreender como é que se processa a parte final das rotinas de produção dos jornalistas, a partir do produto (Jerónimo, 2012, p.84).

Camponez (2017) viu as grandes plataformas da internet não apenas ficarem com a verba da publicidade, mas também assumirem o controle de

outras atividades importantes para os meios regionais, como classificados e a prestação de serviços públicos, como guias locais.

“O papel estratégico da proximidade leva a que alguns considerem a Imprensa Regional como a Imprensa do século XXI. A ideia é sustentada na tese de estarmos hoje perante um campo da comunicação virado do avesso: quanto mais fácil é tomarmos conhecimento dos acontecimentos longínquos, mais nos distanciamos da realidade mais próxima.” (Camponez, 2002, p.160).

O maior entrave do jornalismo de proximidade na internet está no modelo de negócios utilizado pelas plataformas digitais. Ferramentas como a publicidade programática ofertada por Google e Facebook, fortemente baseadas na recolha massiva de dados (Ardia et al., 2020), geram receitas baseadas nos níveis de cliques e visualizações das páginas. A escola utilizada por essas plataformas, porém, está muito distante dos padrões dos meios locais, cuja natureza é ter sua audiência limitada por questões geográficas, e portanto, em escala mais reduzida.

Por outro lado, a internet permite que um meio de proximidade alcance audiências fora dos limites geográficos tradicionais do jornalismo regional, com a possibilidade de escrever para diásporas e alcançar outros tipos de leitores, ouvintes e telespectadores. Ao mesmo tempo, facilita a entrada de outros concorrentes na área de atuação dos regionais.

Os estudos sobre o jornalismo local e regional estão sempre associados a duas relações principais: proximidade geográfica com o público, fontes e conteúdos com que os meios de comunicação lidam; e identidade sociocultural e histórica com os territórios e sociedades de onde emergem ou nas quais estão inseridos.

Camponez (2012), fala de como a sua dimensão geográfica, a proximidade pode atuar de duas formas distintas: como um fator que cria interesses comuns e fortalece laços entre as comunidades locais, mas também como um elemento que pode levar à fragmentação dos públicos. Na sua dimensão geográfica, a proximidade pode funcionar numa lógica de criação de interesses e de fragmentação de públicos.

A par das constatações deste quadro relativamente indefinido de um discurso genérico acerca do “jornalismo de proximidade”, não podemos deixar de reconhecer, também que, no plano normativo do jornalismo, a proximidade levanta problemas impossíveis de ignorar. Em primeiro lugar, começaremos por notar que a importância dada à proximidade enquanto valor notícia não tem igual correspondência no campo ético e deontológico, nem mesmo naqueles órgãos de comunicação social que mais utilizam esse valor como uma das razões de ser da sua existência e identidade. (Camponez, 2012, p.36).

O jornalismo de proximidade propõe uma conexão direta com as comunidades locais, proporcionando um espaço de representatividade e identificação. No entanto, como Camponez aponta, essa proximidade nem sempre se traduz em uma prática ética e deontológica adequada, pois muitas vezes os valores jornalísticos associados à proximidade não encontram uma correspondência suficiente nos princípios que regem a atividade jornalística. Esse desequilíbrio, que reflete uma prática jornalística voltada para os interesses imediatos da comunidade, pode comprometer a imparcialidade e a qualidade da informação.

Assim, ao reconhecer os benefícios dessa proximidade, é fundamental também compreender os desafios éticos e a necessidade de uma atuação jornalística responsável, que vá além da simples proximidade geográfica, garantindo que o jornalismo local não seja apenas um reflexo dos interesses de uma comunidade, mas também um espaço de pluralidade, informação de qualidade e respeito às normas éticas da profissão.

4 COLETIVO ACAUÃ: JORNALISMO INDEPENDENTE E DE PROXIMIDADE EM PERNAMBUCO

A internet permite que um meio de proximidade alcance audiências fora dos limites geográficos tradicionais do jornalismo local e/ou regional, com a possibilidade de escrever para diásporas e alcançar outros tipos de leitores, ouvintes e telespectadores. Ao mesmo tempo, facilita a entrada de outros concorrentes dentro da área de atuação dos regionais.

Para Ortiz (1999, *apud* Rett, 2006), quando falamos em “território”, pensamos em uma pequena área. Bem definido, onde está a vida de um grupo ou conjunto de pessoas. É uma verdadeira política, pois configura uma fronteira que permite determinar os hábitos diários desta população. Por causa deste lugar a natureza das coisas que nos rodeiam “realmente” na nossa vida é perturbada. Seremos consolados pela sua proximidade, seremos acolhidos pelo seu conhecimento.

Os estudos sobre o jornalismo local e regional estão sempre associados a duas relações principais: proximidade geográfica com o público, fontes e conteúdos com que os meios de comunicação lidam; e identidade sociocultural e histórica com os territórios e sociedades de onde emergem ou nas quais estão inseridos. Peruzzo (2005) conceitua que informação local é aquela que expressa as especificidades de um determinado local, que retrata os acontecimentos orgânicos de uma determinada região e externaliza os diferentes pontos de vista, principalmente dos cidadãos, das organizações e dos diferentes segmentos sociais.

Enfim, a mídia de proximidade caracteriza-se por vínculos de pertença, enraizados na vivência e refletidos num compromisso com o lugar e com a informação de qualidade e não apenas com as forças políticas e econômicas no exercício do poder. (Peruzzo, 2005, p.15).

O que distingue o local e o regional, neste contexto, é uma questão da escala a partir da qual as práticas jornalísticas em questão são observadas: se um bairro, uma comunidade, uma cidade ou um município; ou um aglomerado de localidades reconhecidas por uma identidade (geográfica, sociocultural,

histórica) ou por um nome político-administrativo. Mas é interessante notar que o status de prestígio nacional historicamente acumulado pelos diversos tipos de veículos poderosos e hegemônicos instalados no eixo Rio - São Paulo tem obscurecido a percepção dos pesquisadores sobre os aspectos locais e regionais da produção jornalística nessas duas capitais.

No contexto do jornalismo, a área pode ser definida como a extensão espacial e social da cidade e sua área total onde vive a população rural das cidades. O jornalismo local-regional desempenha um papel crucial na construção da identidade de uma comunidade, ao possibilitar uma conexão entre o local, seu entorno e o contexto global. Deolindo (2013) interpreta que esse tipo de jornalismo contribui para a formação de uma identidade local ou regional por meio da experiência de alteridade, um processo que articula diferentes dimensões do espaço e da experiência humana.

Ao explorar e destacar as especificidades de cada lugar, o jornalismo local-regional não só informa, mas também valoriza as particularidades culturais e sociais, promovendo uma maior compreensão do mundo a partir de uma perspectiva mais próxima e vivenciada pelas pessoas da comunidade.

Os jornais regionais e locais, juntamente com os portais regionais de notícias, veiculam notícias de interesse direto e próximo da comunidade e reproduzem simultaneamente produtos jornalísticos provenientes dos grandes centros e das agências de notícias de modo a manter o seu público informado do que se passa [lá fora]. (Deolindo, 2013, p.7-8).

O Coletivo Acauã representa um exemplo de jornalismo independente no estado de Pernambuco, que enfrenta desafios relacionados à escassez de informações em diversas regiões, os "desertos midiáticos". A proposta do coletivo, que tem suas raízes na comunicação popular e no jornalismo comunitário, busca suprir essas lacunas informativas, ampliando a participação cidadã e promovendo a democratização da informação.

Neste trabalho, realizo uma análise qualitativa sobre a atuação do Coletivo Acauã, destacando seu papel no combate às desigualdades informativas, as dificuldades enfrentadas pelo grupo e as contribuições que ele oferece para a prática do jornalismo independente no Brasil.

O Coletivo Acauã propõe uma abordagem mais descentralizada e pluralista para a produção de conteúdo, de modo a não se limitar às pautas dominadas pelos grandes meios de comunicação. O jornalismo praticado pelo Coletivo Acauã também contribui para a construção de uma identidade regional mais forte, ao valorizar as experiências e culturas locais, muitas vezes esquecidas ou estigmatizadas pelos meios tradicionais.

Apesar dos avanços e das contribuições do Coletivo Acauã, o grupo enfrenta uma série de desafios, sendo o principal deles a sustentabilidade financeira. Como muitos outros projetos de jornalismo independente, o coletivo depende de parcerias, doações e financiamento coletivo para viabilizar suas produções. A falta de recursos e de apoio institucional torna o trabalho do coletivo vulnerável, o que exige uma constante busca por novas fontes de financiamento e parcerias. A escassez de infraestrutura e a dificuldade de acesso à tecnologia em algumas regiões também representam obstáculos para a ampliação do alcance do trabalho realizado.

Para Camponez (2002, p.103), "as especificidades da imprensa regional e local resultam, fundamentalmente, do seu compromisso com a região e do seu projeto editorial". É nesse compromisso que frutifica ou fracassa, se diversifica ou homogeneiza a Comunicação." Ele ressalta a importância dos conteúdos nesse contexto, considerando que o discurso acerca do território é inocente.

Enquanto, a imprensa local geralmente garante uma cobertura muito mais ampla e detalhada dos acontecimentos que ocorrem em seu raio de ação e difusão do que a oferecida pelos meios de circulação nacional; b) os jornalistas locais têm capacidade e possibilidade de expressar e de serem porta-vozes de uma opinião pública local; c) os periódicos locais possuem uma estrutura "vertebrada" (Camponez, 2002) em seções de âmbitos local, estadual, regional e nacional, que são capazes de informar sobre o mesmo acontecimento sob o enfoque desses níveis geográficos superpostos.

Para tanto, o Coletivo Acauã, uma iniciativa pioneira no campo do jornalismo regional, surgiu como um ponto de inflexão significativo na cobertura

mediática do semiárido pernambucano. O coletivo foi idealizado por Géssica Amorim, como trabalho para encerramento do seu curso de jornalismo em 2022, na Universidade Federal de Pernambuco - Campus Agreste. O nome Acauã vem de uma ave que é conhecida pelo seu canto e por se alimentar de serpentes.

O Coletivo Acauã surgiu no estado de Pernambuco, um dos maiores e mais importantes estados do Nordeste brasileiro, com o objetivo de atuar em áreas de difícil acesso à informação e em regiões carentes de uma cobertura jornalística de qualidade. A nomeação "Acauã" é uma referência a uma ave predadora típica da caatinga, o que simboliza a proposta de atuar em espaços onde a falta de informações é um fenômeno tão "predatório" quanto a escassez de recursos naturais, sociais e políticos nessas regiões.

No folclore sertanejo, dependendo do lugar ou hora em que ela apareça, o seu canto pode trazer sorte, prenunciar a chegada da seca (caso pouse em um galho seco), da chuva (caso o galho seja verde) ou a morte de alguém. O Acauã é um pássaro mensageiro, com beleza e inconstância na transmissão e sentimentos provocados pelas suas mensagens, que podem ser boas ou ruins, nos fazendo ter medo ou alegria, como também pode acontecer no jornalismo. (Amorim, 2022, p. 17).

O coletivo tem como proposta preencher as lacunas informativas de Betânia, que possui 11.232 habitantes e Flores, com 20.347. Com sede em uma região semiárida do Nordeste brasileiro, o coletivo foi fundado com o objetivo de promover uma cobertura jornalística mais inclusiva e contextualizada sobre os desafios enfrentados pelas comunidades da região. De acordo com a entrevista feita com a idealizadora do coletivo, Géssica Amorim (comunicação pessoal, 9 abr. 2024), ela explica de onde surgiu a ideia de criação do Acauã:

Nesse projeto, reportagens especiais do Observatório da Vida Agreste, que é o OVA, foram lançadas durante a pandemia e todos os integrantes do projeto passaram a produzir a partir dos seus territórios. A gente começa a ter uma noção a respeito do jornalismo local, de como ela é feita. A gente passa a perceber como é que o jornalismo é produzido no nosso território e a gente identifica algumas lacunas noticiosas no

nosso território. Pelo menos foi o meu caso, como integrante do grupo. Eu estava em lugar que não tem veículos de comunicação locais e que também não tem uma abordagem, uma perspectiva independente, sem amarras politicamente e com questão empresarial também, comercial. Então, a parte daí é a ideia da minha vivência ali diante do que eu começar a compreender como jornalista local, do que eu pesquiso sobre o deserto de notícias, e da minha experiência no jornalismo independente como estagiária da Marco Zero. Tudo começa aí. (Amorim,2024)

O coletivo trouxe consigo uma perspectiva de narração e proximidade única, catalisando uma revitalização substancial nas metodologias empregadas para contar histórias encravadas nessas regiões peculiares. Desde sua gênese, o coletivo dedicou-se assiduamente a enfrentar e superar os obstáculos inerentes à escassez de recursos financeiros e a ostensiva invisibilidade social das comunidades locais. Para tal, adotou técnicas de jornalismo que priorizam acima de tudo, a riqueza narrativa e a profundidade da experiência humana.

Seu impacto transcende a mera projeção jornalística, gerando repercussões positivamente palpáveis na comunidade local, ao proporcionar uma plataforma que desempenha o papel crucial no fortalecimento da identidade cultural e social das populações de Flores e Betânia. Tem sido amplamente reconhecido (Costa,2020), como um vetor fundamental para o enriquecimento do panorama jornalístico pernambucano contribuindo de forma significativa para a valorização e ressignificação do espaço como um local vivo de resistência cultural, social e humana.

4.1 Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando o estudo de caso (Yin, 2005) como estratégia principal de análise. Além disso, são empregadas técnicas de análise de conteúdo e entrevistas semiestruturadas para coletar e analisar dados relevantes sobre o objeto de estudo, o Coletivo Acauã. O estudo de caso é utilizado para explorar em profundidade o funcionamento, as práticas e os desafios enfrentados pelo Coletivo, isso permite uma compreensão da atuação do coletivo em áreas de quase desertos

de notícia.

A análise de conteúdo (Bardin,2015) é realizada sobre materiais jornalísticos produzidos pelo Coletivo Acauã, como artigos, reportagens, vídeos e outros formatos de conteúdo. Essa análise busca identificar padrões, temas recorrentes, abordagens jornalísticas e o enfoque dado às questões locais. A análise de conteúdo promove uma compreensão mais aprofundada das pautas e estratégias editoriais do Coletivo Acauã.

Foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas com a fundadora do coletivo, que foram guiadas por um roteiro flexível, permitindo a exploração de diferentes temas e aspectos relacionados à atuação do coletivo, como motivações, desafios, estratégias de produção de conteúdo e impacto na comunidade. A primeira entrevista semiestruturada foi feita por meio do *Google Meet* e a segunda pelo *WhatsApp* e assim disponibilizando a percepção da idealizadora do coletivo.

Os quadros apresentam os dados coletados das publicações realizadas no site do Coletivo Acauã, entre os anos de 2022 e 2024. Eles foram elaborados para facilitar a análise e interpretação das produções jornalísticas do coletivo, permitindo identificar padrões editoriais, tipos de conteúdo e os principais temas abordados. A organização dos quadros segue critérios claros, destacando elementos como título da publicação, data de veiculação, tipo de material (notícia, reportagem, coluna, crônica ou perfil), essa baseada na própria organização do site, categoria temática e cidade relacionada. Essa estrutura foi pensada para evidenciar as temáticas mais recorrentes e sua relevância em contextos locais, permitindo uma visão abrangente da atuação do Coletivo Acauã e a cobertura dos quase desertos midiáticos no Sertão e Agreste pernambucano.

A categorização das publicações em: factual, reportagem, cultural e perfil foi para identificar a diversidade de abordagens utilizadas pelo coletivo e compreender suas prioridades editoriais. A categoria factual se refere a textos jornalísticos que buscam relatar os acontecimentos de maneira objetiva, direta e precisa, com ênfase nos dados e nas informações verificáveis. Já a reportagem

vai além da simples apresentação de fatos, oferecendo uma análise mais detalhada e aprofundada sobre determinado assunto. Ela envolve uma investigação mais minuciosa, com entrevistas, apuração e contexto, visando fornecer uma compreensão mais ampla do tema abordado.

A categoria cultural trata de temas relacionados à arte, à cultura, ao comportamento e às expressões humanas. As matérias culturais incluem críticas de filmes, livros, música, exposições, teatro. E por fim a perfil é focada na construção de uma narrativa sobre uma pessoa ou um grupo, explorando suas características, história, motivações e contexto de vida.

O destaque para o título das reportagens se dá não apenas para o teor do conteúdo. Permite, de forma direta e objetiva, identificar os assuntos tratados e como eles dialogam com as demandas sociais e culturais das comunidades atendidas. Além disso, a inclusão da cidade como elemento reflete o compromisso do coletivo em explorar e divulgar histórias específicas de localidades reforçando a proposta de um jornalismo de proximidade.

Por fim, a organização dos quadros não apenas sintetiza informações, mas também cumpre uma função metodológica importante no trabalho. Essa sistematização permite que os dados sejam em termos qualitativos, ao identificar tendências editoriais, lacunas temáticas e do Coletivo Acauã na cobertura de áreas classificadas como quase desertos midiáticos. Dessa forma, os quadros tornam-se uma ferramenta central para a compreensão e valorização do papel desempenhado pelo jornalismo independente em contextos de vulnerabilidade informativa. No quadro 1, foram reunidas todas as matérias publicadas no site Acauã em 2022.

Quadro 1 - Publicações Site Acauã - 2022

Título	Data De Publicação	Tipo	Categoria	Cidade
População de Sítio dos Nunes está sem abastecimento de	03/08/2022	Notícias	Factual	Flores

água há mais de quatro dias				
Projeto para produção de plástico biodegradável levará estudantes de Sítio dos Nunes à terceira Mostra Nacional de Feira de Ciências	05/08/2022	Notícias	Factual	Flores
Voluntários vão até Riacho das Almas, no agreste pernambucano, construir cisterna para famílias da ...	19/08/2022	Notícias	Factual	Riacho Das Almas
Articulação do Semiárido realiza festival para promover práticas sustentáveis na agricultura	25/08/2022	Notícias	Factual	Triunfo
Bolsonaro se mantém forte em Santa Cruz do Capibaribe e candidaturas que tiveram seu apoio se destacam	05/10/2022	Notícias	Factual	Santa Cruz Do Capibaribe
Homens viajam para arrumar trabalho e mulheres quilombolas ficam para cuidar da lavoura, da casa e...	25/06/2022	Reportagens	Reportagem	Betânia
O reúso de águas cinzas muda o cultivo e a vida de agricultores no Sertão do Pajeú	26/08/2022	Colunas	Reportagem	Flores
Coletivo Acauã	06/05/2022	Crônicas	Perfil	

Em Santo Cruz do Capibaribe, projeto artístico incentiva a reutilização de restos de tecidos e o....	19/07/2022	Crônicas	Cultural	Santa Cruz Do Capibaribe
“Agricultura é barriga cheia”: Conheça dona Gera, a produtora da goma de macaxeira mais famosa do...	06/05/2022	Perfis	Perfil	Não Encontrado
Dona Santú, 83 anos, não vê a hora de votar em Lula “nem que seja na China”	30/09/2022	Perfis	Perfil	Sítio Dos Nunes

Fonte: Autora, 2025

O Quadro 2, intitulado "Publicações Site Acauã - 2023", apresenta uma análise da produção jornalística do Coletivo Acauã ao longo do ano de 2023, destacando a diversidade temática e geográfica das matérias publicadas. Em termos de categorias, há um equilíbrio entre temas culturais, como as festas regionais e tradições locais, e temas factuais, como os impactos sociais de políticas públicas e empreendimentos econômicos.

Geograficamente, as publicações cobrem diversas cidades de Pernambuco e outros estados do Nordeste, como Caruaru, Betânia, e Montadas, refletindo a intenção do Coletivo Acauã de promover um jornalismo de proximidade, voltado para comunidades marginalizadas e suas realidades específicas. Além disso, o quadro destaca pautas que valorizam as identidades locais

Quadro 2 - Publicações Site Acauã - 2023

Título	Data De Publicação	Tipo	Categoria	Cidade
--------	--------------------	------	-----------	--------

Mulheres da Paraíba voltam a marchar em protesto contra impactos dos parques eólicos	23/03/2023	Notícias	Factual	Montadas
Novo Ensino Médio criou problemas nas escolas públicas do interior de Pernambuco	10/05/2023	Notícias	Factual	Cachoeirinha
Falta forró no São João da “Capital do forró”	22/06/2023		Cultural	Caruaru
Iniciativas de jornalismo independente do Nordeste se unem e lançam campanha de financiamento...	17/11/2023	Notícias	Factual	
Conheça a Roda de São Gonçalo, uma festa para quitar as dívidas com o santo	27/02/2023	Reportagens	Cultural	Ibimirim
A arte de criar selas de cavalos nas mãos de quatro mulheres no agreste de Pernambuco	27/02/2023	Reportagens	Cultural	Cachoeirinha
A conversão da última umbandista do Quilombo Teixeira	24/04/2023	Reportagens	Reportagem	Betânia
Avanço evangélico ameaça religiões afro em quilombos de Pernambuco	11/07/2023	Reportagens	Reportagem	Betânia
O negócio, a festa e a tradição da pega de boi no	13/011/2023	Especiais	Cultural	Betânia

sertão de Pernambuco				
Mobilidade urbano e o direito à cidade em Caruaru	02/07/2023	Colunas	Reportagem	Caruaru
Em nome de Luzia e tia Bezé	13/12/2023	Crônicas	Perfil	Catende
Julia Gabriela de Jesus: uma toada de coragem	27/02/2023	Perfis	Perfil	Custódia
O forró bom de Joana Angélica	23/03/2023	Perfis	Cultural	
Brenda e Hellayne: uma história de amor no sertão de Pernambuco	03/08/2023	Perfis	Perfil	Sítio dos Nunes
A nova vida do vaqueiro Diogo	06/08/2023	Perfis	Perfil	Betânia
Conheça a mulher que virou zeladora do cemitério para ficar perto do túmulo do filho	13/11/2023	Perfis	Perfil	Caruaru

Fonte: Autora, 2025

A diversidade temática se mantém como uma característica marcante, abrangendo desde questões educacionais. Geograficamente, as publicações concentram-se em cidades do interior de Pernambuco, como Caruaru, Betânia e Bezerros, reafirmando o protagonismo do Coletivo Acauã em dar visibilidade a histórias e vivências de territórios frequentemente negligenciados pela mídia

tradicional. Essa abordagem plural destaca o papel do coletivo como um agente de resistência cultural e de democratização da informação na região.

Quadro 3 - Publicações Site Acauã - 2024

Título	Data De Publicação	Tipo	Categoria	Cidade
Paulo Freire inspira pedagogas que alfabetizam grupo de idosos em Caruaru	03/01/2024	Reportagens	Reportagem	Caruaru
No Sertão enterrar umbigo de recém-nascidos é plantar esperança	23/01/2024	Crônicas	Cultural	Betânia
Moradores de Sítio dos Nunes promovem festa do padroeiro São João com atrações musicais, quadrilhas e brincadeiras populares	23/06/2024	Blog	Cultural	Sítio Dos Nunes
30 dias sem J.Borges: Um textão sobre luto e direito à arte no capitalismo	26/08/2024	Blog	Cultural	Bezerros
Cegos em Caruaru: Uma cidade que não vê acessibilidade	02/10/2024	Especiais	Reportagem	Caruaru

Fonte: Autora, 2025

Apesar do recorte temporal ser de 2022 a 2024, um período de um intervalo considerável para análise, foram encontradas apenas 34 publicações no site do Acauã. Esse número reduzido pode indicar uma baixa frequência de atualizações ou produção de conteúdo, o que levanta questões sobre a

sustentabilidade e o alcance do portal durante esse período. Além disso, pode refletir desafios enfrentados pelo site, como limitações de recursos, falta de equipe dedicada ou dificuldades de engajamento com o público. A escassez de publicações também pode ser um indicativo de um possível déficit na produção de jornalismo local ou de nicho, limitando a diversidade de informações disponíveis para os leitores e, conseqüentemente, a efetividade do portal como uma fonte regular de notícias e atualizações.

A análise dos dados coletados no site do Coletivo Acauã entre os anos de 2022 e 2024 revela padrões importantes na produção de conteúdo jornalístico independente. As publicações abordam, principalmente, temas de relevância social, cultural e política, refletindo a dinâmica informacional das regiões do Sertão e Agreste pernambucano.

Os quadros indicam que em 2022 e 2023 as matérias factuais representam a maioria das publicações, somente em 2022 foram cinco publicações factuais e em 2023, três. Ainda de acordo com a entrevista realizada com Gêssica em abril de 2024, os principais motivos para a pouca produção de notícias factuais se dá pelo fato de que:

“O coletivo Acauã tem como território de atuação dois pequenos municípios do sertão pernambucano. Um com pouco mais de 22 mil habitantes e outro com pouco mais de 12 mil. Essa questão é um fator que complica o nosso trabalho com relação às nossas abordagens e publicações. Claro que acontece muita coisa nesses lugares, mas a gente não pode noticiar tudo. Então, tentar fazer jornalismo em territórios como os nossos, também é complicado pelo que eu te falei. Acho que são duas questões para considerar. Tem coisa que a gente não noticia, coisa boa que acontece, por exemplo, que a gente acaba noticiando imediatamente como o fato merece, como pede, enfim. Porque a gente não está disponível para produzir imediatamente alguns conteúdos e publicar no portal, no nosso site, nas nossas redes.” (Amorim,2024)

A presença de crônicas e perfis também é significativa, demonstrando a preocupação do coletivo em humanizar as narrativas. Dentre as categorias temáticas, destaca-se a ênfase em questões sociais, ambientais e culturais, com forte atenção para problemáticas locais, como abastecimento de água, condições de trabalho rural e manifestações culturais.

O levantamento mostra que o coletivo cobre algumas cidades do interior de Pernambuco. Todavia, Betânia, Flores, Caruaru e Santa Cruz do Capibaribe aparecem com mais frequência nas publicações, indicando uma tentativa de jornalismo de proximidade nessas localidades. As publicações de 2024 indicam uma maior integração de narrativas culturais e identitárias, enquanto 2022 e 2023 apresentaram um foco mais forte em políticas públicas e direitos sociais. Essa evolução sugere um amadurecimento editorial do coletivo, que busca equilibrar a cobertura de problemas estruturais com a valorização da identidade local.

Entretanto, o coletivo enfrenta desafios estruturais, como a falta de financiamento e a dificuldade de expansão de sua cobertura para outras áreas do estado. A sustentabilidade financeira continua sendo um dos principais entraves para o crescimento do jornalismo independente no Brasil, exigindo estratégias alternativas para garantir a continuidade desse tipo de produção informativa. Quando indagada sobre a parte financeira do coletivo, Gêssica explicou: "Hoje, a gente busca editais, busca apoio em tudo que tem surgido, mas infelizmente o coletivo ainda não é formalizado. Isso é o passo que a gente precisa dar para poder conseguir arrecadar fundo para trabalhar da maneira que a gente gostaria. Então hoje a gente faz o coletivo muito por acreditar no mesmo projeto. E é praticamente isso. A gente hoje tem o apoio da Marco Zero Conteúdo, que é veículo que já tem alcance maior do que o nosso, que começou assim também. Marco Zero, com o alcance que ela tem, financia nosso site, recentemente a gente lançou. E a gente trabalha na base de frila mesmo."

Dessa forma, é imprescindível que haja incentivos à manutenção e expansão de projetos jornalísticos independentes, seja por meio de políticas públicas, financiamento coletivo ou apoio institucional. O fortalecimento desse modelo de jornalismo é essencial para garantir uma informação plural e acessível, contribuindo para a redução dos desertos de notícias e para a construção de uma sociedade mais informada e participativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o papel do Coletivo Acauã como uma iniciativa de jornalismo independente em regiões marcadas por desertos midiáticos em Pernambuco. A pesquisa evidenciou a importância desse coletivo na promoção de uma comunicação alternativa, capaz de romper com a concentração midiática predominante e a homogeneização das narrativas veiculadas pelos grandes meios de comunicação. O Coletivo Acauã, ao priorizar as questões locais e dar voz a populações marginalizadas, contribui para o fortalecimento das identidades regionais e para a preservação de histórias e realidades que muitas vezes são invisibilizadas.

No entanto, a atuação do coletivo é permeada por desafios consideráveis. A escassez de recursos financeiros e as dificuldades estruturais enfrentadas em um cenário de precarização do trabalho jornalístico são obstáculos que dificultam a continuidade e a expansão do projeto. Apesar disso, o modelo independente e colaborativo adotado pelo Acauã apresenta soluções inovadoras e alternativas, sugerindo possíveis caminhos para a reinvenção do jornalismo em regiões periféricas e em áreas com escasso acesso à informação. Ao adotar práticas jornalísticas pautadas pela independência editorial e pelo comprometimento com a verdade local, o coletivo demonstra que é possível criar espaços de resistência e resiliência na mídia.

Além disso, é fundamental que iniciativas como a do Coletivo Acauã sirvam como modelo para outras experiências em desertos midiáticos, especialmente em um país de dimensões continentais como o Brasil, onde muitas regiões ainda carecem de uma cobertura jornalística que vá além dos interesses comerciais e políticos. A análise realizada aponta para a necessidade urgente de mais projetos de jornalismo independente, que tenham a capacidade de se adaptar às realidades locais e enfrentar as limitações impostas pelo contexto econômico e político.

Por fim, este estudo reforça a importância de novas investigações acadêmicas sobre o impacto de iniciativas de jornalismo independente em

diferentes contextos regionais do Brasil. Compreender como tais projetos podem se consolidar em regiões periféricas e desertos midiáticos é crucial para o desenvolvimento de uma comunicação mais inclusiva, plural e democrática. O fortalecimento de modelos jornalísticos independentes pode, portanto, ampliar as vozes e as perspectivas de populações sub-representadas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais informada e participativa.

REFERÊNCIAS

- ABERNATHY, Penelope Muse. The Expanding News Desert. University of North Carolina Press, 2016.
- ABERNATHY, Penelope Muse. The expanding news desert. Center for Innovation and Sustainability in Local Media, School of Media and Journalism, University of North Carolina at Chapel Hill, 2018.
- ALENCAR, Marta; BUARQUE, Joaquim; CANTANHÊDE, Joana. Mapa de Redação de Jornalismo Independente do Nordeste. Recife, 2024.
- ALVES, M.; MACIEL, P. Jornalismo independente no Nordeste: desafios e perspectivas. Recife: Editora UFPE, 2024.
- AMORIM, Géssica Maria Bezerra de. COLETIVO ACAUÃ: uma proposta para pensar o jornalismo local e os desertos de notícia nos municípios de Flores e Betânia / Caruaru, 2022.
- AMORIM, Géssica. Entrevista cedida a Elenir Castro. 9 de abr.2024 [A entrevista encontra-se transcrita no apêndice “A” desta monografia].
- AMORIM, Géssica. Entrevista cedida a Elenir Castro. 9 de fev.2025 [A entrevista encontra-se transcrita no apêndice “B” desta monografia].
- ANDRADE, Pedro; PEREIRA, Joana. Coletivos de comunicação: a nova fronteira do jornalismo independente. Porto Alegre: Editora Sul, 2018.
- ATLAS DA NOTÍCIA. Brasil tem redução de 8,6% nos desertos de notícias em 2023, mas o jornalismo local precisa de incentivo. 2023. Disponível em: https://atlas.jor.br/v6/brasil-tem-reducao-de-8-6-nos-desertos-de-noticias-em-2023-mas-o-jornalismo-local-precisa-de-incentivo/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 9 fev. 2025.
- BARATO, Marielli. AI-5 e o jornalismo local: como o jornal “O Comércio” retratou o decreto. Pós em Revista, v. 1, n. 1, p. 24-24, 2018.
- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2015.
- BATISTA, Marcelo; PATRÍCIO, Fernanda. Jornalismo independente e a reconfiguração da mídia digital. São Paulo: Contexto, 2017.
- CAMPONEZ, Jorge Pedro. Jornalismo de proximidade: entre a identidade e a fragmentação dos públicos. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S. Manufacturing consent: the political economy of the mass media. 1. ed. New York: Pantheon Books, 1988.
- DEOLINDO, José Afonso Lima; MOREIRA, Sonia Virginia. Jornalismo local e regional: uma análise das especificidades e desafios. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2013.
- DEUZE, Mark, and Tamara Witschge. Beyond journalism: Theorizing the transformation of journalism. 2015.

SILVA DEOLINDO, J. Da Escassez De Informações Locais A Novas Práticas De Produção De Notícias: O Papel Da Tecnologia Nas Fronteiras Jornalísticas. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S. I.], v. 10, n. 19, 2014. Disponível em:

<https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/141>.

Acesso em: 10 fev. 2025.

FGV – FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Relatório de pobreza no Brasil: desigualdades regionais em foco. São Paulo: FGV, 2022.

GREENHALGH, Raphael Diego. As restrições à circulação da imprensa alternativa e dos jornais estudantis em Brasília durante a ditadura militar (1964-1985). Revista Alterjor, São Paulo, Brasil, v. 27, n. 1, p. 146–164, 2023.

DOI: [10.11606/issn.2176-1507.v27i1p146-164](https://doi.org/10.11606/issn.2176-1507.v27i1p146-164). Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/203824>. Acesso em: 10 fev. 2025.

GULYAS, Agnes; JENKINS, Joy; BERGSTRÖM, Annika. Places and Spaces Without News: The Contested Phenomenon of News Deserts. Media and Communication, [S.I.], v. 11, n. 3, p. 285-289, sep. 2023. ISSN 2183-2439.

JERÓNIMO, Pedro. O ciberjornalismo de proximidade em Portugal. Lisboa: Almedina, 2015.

JERÓNIMO Discussion. Publications 2022, 10, 15. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/publications10020015>

JERÓNIMO, Pedro; RAMOS, Giovanni; TORRE, Luísa. 2022. Desertos de Notícias Europa 2022: Relatório de Portugal. Available online: https://labcom.ubi.pt/wp-content/uploads/2023/02/desertos_noticias_europa_2022.pdf

LIMA, Venício A. de. Mídia: Teoria e Política. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2015.

LÜDTKE, Sérgio. Atlas da Notícia identifica redução de desertos e liderança do jornalismo online no Brasil. Atlas da Notícia, 23 fev. 2022. Disponível em: <https://atlas.jor.br/v5/atlas-da-noticia-identifica-reducao-de-desertos-e-lideranca-do-jornalismo-online-no-brasil/>. Acesso em: 9.fev. 2025.

MARQUES, Pedro; ESPARZA, Marta. Disinformation at a Local Level: An Emerging DE MELO, José. História social da imprensa: 500 anos de jornalismo no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

MAPA CAJUEIRA. Jornalismo independente no Nordeste: curadoria de conteúdos. Recife: Mapa Cajueira, 2023.

MARIANA, Reis. Jornalismo independente e suas práticas editoriais no Brasil. São Paulo: Contexto, 2017.

MCCESNEY, Robert. Communication Revolution: Critical Junctures and the Future of Media. Nova York: New Press, 2007.

MEDEIROS, João. Desertos de notícias: impactos na democracia brasileira. São Paulo: Editora USP, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

MOREIRA, Sonia Virginia; DEOLINDO, José Afonso Lima. Jornalismo Local e Regional. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2013.

NEGREIRA-REY, Maria; VÁZQUEZ-HERRERO, Jorge; LÓPEZ-GARCÍA, Xosé. Jornalismo em crise: o declínio da mídia local na Espanha. Barcelona: Planeta, 2020.

NOTÍCIA PRETA. WhatsApp: 53% dos brasileiros confiam nas notícias recebidas pelo aplicativo. Notícia Preta, 14 jul. 2021. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/whatsapp-noticias-confianca/>. Acesso em: 9.fev. 2025.

PATRÍCIO, Edgar. Territorialidade, financiamento e jornalismo independente no Nordeste do Brasil. Estudos de Jornalismo e Mídia, v. 19,p. 189-201, 2023b. Disponível em:<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/84920>. Acesso em: 23 dez. 2024.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS (PNAD). Acesso à internet no Brasil: relatório de 2023. Brasília: IBGE, 2023.

PINTO. P. Mídia regional: nem menor, nem maior, um elemento integrante do sistema midiático do Brasil. Ciberlegenda. N. 29. 2013

PODER360. INTERNET É PRINCIPAL MEIO DE INFORMAÇÃO PARA 43%, TV É PREFERIDA DE 40%. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/internet-e-principal-meio-de-informacao-para-43-tv-e-preferida-de-40/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

PROJOR – INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO.

Atlas da Notícia: desertos informativos no Brasil. São Paulo: Projor, 2023.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS; INTERVOZES. Cinco famílias

controlam 50% dos principais veículos de mídia do país, indica relatório.

Carta Capital, 26 jul. 2022. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cinco-familias-controlam-50-dos-principais-veiculos-de-midia-do-pais-indica-relatorio/>. Acesso em: 7 fev. 2025.

SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. 7. ed. São Paulo: Nobel, 2007.

SANTOS, Milton, A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SECTI – SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO DE

PERNAMBUCO. Pernambuco Conectado: inclusão digital no semiárido. Recife: SECTI, 2023.

SILVA, João. O Mapa do Jornalismo Independente no Brasil. São Paulo:

Agência Pública, 2017.

TORRE, L.; JERÓNIMO, P.. Esfera pública e desinformação em contexto local. Texto Livre, v. 16, p. e41881, 2023.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A

Entrevista 01 com Gêssica Amorim, realizada pelo Google Meet, em 09/04/2024

1. O que inspirou você a criar o Coletivo Acauã?

Foi durante o tempo que participei do Observatório da Vida Agreste aqui em Caruaru, da UFPE em Caruaru. Ele é coordenado pela jornalista Fabiana Moraes, por reportagens especiais. E pelo período em que eu passei estagiando na Marco Zero Conteúdo, que é veículo de comunicação independente aqui em Pernambuco. Então, acabei juntando a experiência desses dois projetos e resolvi fazer do Acauã eu tenho projeto, produto para apresentar no trabalho de conclusão do curso. O projeto do Acauã foi meu TCC. Fiz o projeto do veículo, a gente lançou e foi isso que eu apresentei, e é o que a gente tem movimentado depois de isso ter estado certo nos municípios onde a gente atua, no sertão e agreste de Pernambuco. Nesse projeto, reportagens especiais do Observatório da Vida Agreste, que é o OVA, foram lançadas durante a pandemia e todos os integrantes do projeto passaram a produzir a partir dos seus territórios. A gente começa a ter uma noção a respeito do jornalismo local, de como ela é feita. A gente passa a perceber como é que o jornalismo é produzido no nosso território e a gente identifica algumas lacunas noticiosas no nosso território. Pelo menos foi o meu caso, como integrante do grupo. Eu estava em lugar que não tem veículos de comunicação locais e que também não tem uma abordagem, uma perspectiva independente, sem amarras politicamente e com questão empresarial também, comercial. Então, a parte daí é a ideia da minha vivência ali diante do que eu começar a compreender como jornalista local, do que eu pesquiso sobre o deserto de notícias, e da minha experiência no jornalismo independente como estagiária da Marco Zero. Tudo começa aí

2. É por que essas duas cidades? Por que Betânia e Flores? Isso você está lá fisicamente, você mora nessas cidades ou entre elas? Como é que funciona? Por que você escolheu essas duas cidades?

Justamente pelo período da pandemia, era mais para onde eu circulava e hoje é a minha base também, porque eu sou de Sítio dos Nunes, que é distrito de Flores, e tendo a minha base lá, morando lá, eu produzo ali. Betânia, que é o município vizinho, e Flores, que é o meu município, então eu acabo circulando mais por ali. E os outros integrantes têm mais abertura e mais alcance no agreste do estado. Então minha parte é ali, no sertão do Moxotó e no sertão do Pajeú..

3. O que caracteriza o Acauã como independente ?

O que caracteriza hoje, e sempre, é justamente a questão de produzir sem nenhum tipo de suporte e interferência comercial e política, porque o jornalismo corporativo precisa de patrocinadores, precisa de apoio financeiro de lugares que vão interferir diretamente na produção do seu conteúdo, na sua linha editorial. O Coletivo Acauã é independente na sua abordagem, na sua produção, na sua publicação, na sua linha editorial e na sua direção também. A gente aborda os temas que a gente acha que precisa abordar nesses locais sem nenhum tipo de preocupação com qualquer apoio, com qualquer interferência. É uma coisa muito diferente do que acontece no jornalismo comercial, por exemplo. Flores e Betânia são dois municípios que são quase desertos de notícias. Eles não têm veículos de comunicação locais que sejam independentes mesmo e que tenham abordagens independentes. Porque desertos de notícias são lugares que não têm nenhuma cobertura de impressão local. E os quase desertos são os que têm pelo menos um veículo, dois. E Flores Sim, na pandemia tem, mas são veículos que têm uma abordagem já viciada, não é uma abordagem independente. Tem além o deserto de perspectiva mesmo, porque é uma coisa voltada para o patrocínio mesmo

4. Como o Acauã se mantém financeiramente?

Hoje, a gente busca editais, busca apoio em tudo que tem surgido, mas infelizmente o coletivo ainda não é formalizado. Isso é o passo que a gente precisa dar para poder conseguir arrecadar fundo para trabalhar da maneira que a gente gostaria. Então hoje a gente faz o coletivo muito por acreditar no mesmo projeto. E é praticamente isso. A gente hoje tem o apoio da Marco Zero Conteúdo, que é veículo que já tem alcance maior do que o nosso, que começou assim também. Marco Zero, com o alcance que ela tem, financia nosso site, recentemente a gente lançou. E a gente trabalha na base de frila mesmo. A gente propôs uma pauta para o Marco Zero, a gente entrega esse conteúdo, publica junto com eles. Isso, quando conseguem o Free lá para ganhar uma grana e tudo mais, mas na maioria das vezes a gente acaba publicando por conta mesmo, não tem nenhum tipo de retorno financeiro ainda. É um projeto que está de pé mesmo, pelo que a gente acredita, sim, por enquanto.

5. Quais são os maiores desafios que você enfrentou ao estabelecer e manter um coletivo de jornalismo independente nessa área?

Os maiores desafios são financeiros e territoriais. É muito difícil produzir sem dinheiro. A gente sabe disso, porque a gente precisa trabalhar, pagar conta, e não dá para romantizar a profissão e acabar se entregando ao projeto totalmente, sem nenhum tipo de retorno nesse sentido. A gente acaba perdendo na frequência das publicações, a gente acaba perdendo pouco, não entrando em algumas discussões, porque todo mundo tem condições de produzir. Tem pessoas que não estão muito acostumadas a prestar contas, a entrar em discussões a respeito de assuntos que estão tão próximos delas ali. Essas são as maiores dificuldades. Então a gente tem dificuldade financeira, e territorial mais, o territorial é mais no sentido político até.

A gente acaba muito segura na onda em alguns momentos, que a gente precisa entrar em algumas discussões porque a gente tá muito próximo. Eh, ali todo mundo sabe quem você é, todo mundo sabe onde você mora, quem são

seus familiares, então, às vezes não é nem por você, mas pelas pessoas que cercam, sabe? Todo mundo acaba entrando num risco ali. Acaba todo mundo entrando no risco da produção desse jornalismo feito nesses locais.

Então, as nossas dificuldades hoje são essas, assim. dificuldades e tem A gente tem também uma parte que é muito boa nesse sentido, mas respondendo a tua pergunta é isso, de dificuldade é isso. Talvez a gente fale sobre o que é bom produzir agora nesses territórios.

6. São quantas pessoas atualmente na equipe? Nós somos cinco pessoas. Eh, as outras pessoas, elas estão em outros locais assim só. Só no Agreste e eu no Sertão.

Tem o pessoal que trabalha com as redes, eh, que trabalha editando o site, fazendo a arte, eh é, para as nossas publicações. Eu edito, escrevo e tem uma outra colega nossa que escreve no agreste também.

7. Qual é a parte boa depois de tantas dificuldades, qual é a parte boa de produzir nessa área?

Olha, apesar de ser de fazer jornalismo num local onde as pessoas não estão acostumadas muito a prestar contas e olhar para as ações delas assim diretamente, é justamente fazer com que as pessoas se reconheçam nas informações que elas consomem, sabe?

Isso por outro lado, assim, no outro lado da dificuldade é uma coisa que envolve todo mundo nas discussões e todo mundo acaba ficando mais atento ao que tá acontecendo ao seu redor e acaba se reconhecendo nas informações que consomem também. Isso é uma coisa muito importante, muito relevante. Acho que é um passo assim para para acabar até mesmo com essa outra dificuldade, sabe? De produzir diante e com as pessoas ao seu redor, ali, sabe?

8. Como acontece a participação da comunidade, se eles enviam conteúdos, como e se eles se envolvem de alguma maneira na produção dos textos ?

A gente se concentra, a gente produz sobre o que tá ali na nossa vista, mas a gente acaba puxando mais para um lado cultural, acho que dá para perceber ali pelas nossas publicações. Mas a gente também trata de política, trata de saúde, educação, de tudo que tá acontecendo nos locais que a gente tem acesso à discussão e que a gente pode produzir ali, a gente vai e produz.

Mas aí a gente acaba se concentrando mais em outros temas, se aprofundando mais nos textos, eh no modo de tratar o que a gente tá escrevendo. Mas às vezes acontece de ter coisa mais imediata, mais objetiva pra gente publicar e a gente publica também. Não tem muito uma direção, não é muito nossa escolha eh seguindo um caminho mais específico Sim, a gente tem abertura para tratar tudo. Mas a gente tem muitos sinais sim de que a comunidade compartilha o nosso conteúdo. A galera chega também para oferecer pauta, para falar de história, fazer alguma denúncia. Sabe? Dando uma circular ali no site, tu vai ver a gente tratando da questão da água lá no distrito dos Donos.

Isso ali é muito pauta que vem da nossa observação clara, porque a gente tá ali, mas que são muito coisas assim, sugeridas mesmo pela população, chamando a gente ali para para ver o que tá acontecendo e discutir cobrar junto com eles, entendeu?

9. Quais são os principais impactos que o Coletivo Acauã teve na comunidade desde sua criação?

Eu vou falar muito dessa coisa de se reconhecer nas informações que a gente consome, porque isso é muito de preencher lacunas mesmo dos da notícias, porque a gente tá acostumada com uma um tipo de comunicação muito assim vertical até, onde a gente só enxerga coisa muito de fora e muito de cima assim, a gente não se vê no que a gente consome no dia a dia, sabe?

Esse dos Nunes até pouco tempo era só Era um município em que as pessoas assistiam até as pessoas viam o jornal do Rio de Janeiro, sabe?

Então, o coletivo é como você se reconhecer mesmo no que você tá vendo. É como você se vê como uma peça no que você tá discutindo. É uma coisa mais palpável até assim, sabe, de você se inscrever numa discussão e ver que você pode fazer uma denúncia, que você pode publicar o que você quer discutir e você ter algum tipo de retorno direto ali, porque você por uma necessidade sua e coletivo também, entende?

Então a gente ainda tá muito no começo. É, não tem grandes transformações assim vindo do nosso projeto no território, mas a gente tá ali se inserindo e se coloca à disposição da população para isso. Para ajudar nas discussões, é, para fazer denúncia mesmo para obter resultado de, sabe, na solução de problemas comuns ali da comunidade

Para exemplificar assim, é claro que a gente não tem nenhum a gente não tem nada isso foi uma mudança é na comunicação que não tem nosso dedo, claro, mas para ter uma noção, até pouco tempo a gente via jornal do Rio de Janeiro, uma coisa que não tem nada a ver com o que a gente vive em Pernambuco, que a gente vive no sertão e tudo mais.

10. Quando você estava pensando no TCC, fez alguma pesquisa para saber qual seria o meio que o Acauã ia ser criado, vai ser somente uma página no Instagram? Eu queria saber se tu fez uma pesquisa com a comunidade, como foi que vocês decidiram?

Qual seria o meio do Acauã, postar suas notícias, contar suas histórias. Não, desde sempre, a gente não fez pesquisa com a população não. Desde sempre, a ideia tem um site sim, um lugar para colocar nossos textos, nossas produções e usar as redes sociais só para difundir isso. Então, no começo a gente ficou usando só as redes sociais, foi a gente não tinha um site e a gente usava o meio, que é como é tipo uma rede social, acho que tá ali a né? De textos e tudo mais, mas era muito limitado, a gente publicava ali nossos textos, mas as pessoas acabavam não acessando muito ali. Ele não é muito intuitivo, não é muito bom para quem acessa das redes assim, não tem muito domínio da rede.

Então a gente, por muito tempo, eu fico caminhando ali só nas redes sociais mesmo e depois até no site da Marco Zero, a gente acabava publicando na Marco Zero no site deles e divulgando nas nossas redes E agora saiu com o site e a gente tá bem contente com, inclusive, com isso e tudo que a gente produz vai para lá agora. As redes são para difusão mesmo. Desde sempre a gente sempre pensou nisso, em alcançar um site mesmo.

Não era um projeto pensado assim só para as redes, não.

11. Quais são os seus planos para expandir ou fortalecer o trabalho do Coletivo Acauã no futuro? Olha, com o site agora, os nossos planos é mesmo conseguir financiamento. É a gente formalizar o coletivo, conseguir manter o pessoal assim ativo mesmo com disposição para continuar produzindo sem nenhum tipo de retorno financeiro ainda e se estabelecer mesmo.

12. Como as pessoas interessadas podem apoiar ou se envolver com o trabalho do Coletivo Acauã?

A gente recebe muitos pedidos assim de pessoas entrando em contato para saber como é que pode ajudar, como é que pode assim ajudar na manutenção mesmo do nosso trabalho, mas a gente ainda não pode receber nenhum tipo de ajuda nesse sentido, porque a gente não é formalizado.

A gente não tem, tipo, uma conta, não tem um lugar para destinar esse dinheiro, então, a gente receberia essa grana e não teria para onde para onde canalizar mesmo, sabe? O dinheiro. A gente precisa primeiro formalizar o coletivo para a partir daí, conseguir poder receber mesmo ajuda dos leitores e poder aplicar o dinheiro na nossa produção mesmo.

Então, jornalista independente o negócio é esse, é muito difícil você se movimentar mesmo. É um processo que precisa de muita paciência e muita dedicação mesmo assim. Para poder dar certo e a gente precisa se manter entusiasmado o tempo inteiro para poder manter o projeto de pé.

É cercada de dificuldade, é um tipo de produção cercada de dificuldade mesmo, assim. A realidade é essa mesmo.

APÊNDICE B

Entrevista 02 com Gêssica Amorim, realizada pelo *WhatsApp*, em 09/02/2025

1. Enquanto analisava o material no site notei que são poucas as notícias factuais. Então gostaria de saber o por que de serem poucas.

Veja: hoje, o coletivo Acauã tem como território de atuação dois pequenos municípios do sertão pernambucano. Um com pouco mais de 22 mil habitantes e outro com pouco mais de 12 mil. Essa questão é um fator que complica o nosso trabalho com relação às nossas abordagens e publicações. Claro que acontece muita coisa nesses lugares, mas a gente não pode noticiar tudo.

Então, tentar fazer jornalismo em territórios como os nossos, também é complicado pelo que eu te falei. Acho que são duas questões para considerar. Tem coisa que a gente não noticia, coisa boa que acontece, por exemplo, que a gente acaba noticiando imediatamente como o fato merece, como pede, enfim. Porque a gente não está disponível para produzir imediatamente alguns conteúdos e publicar no portal, no nosso site, nas nossas redes, entende?

Eu já cheguei a denunciar duas vezes alguns casos aqui no município de Flores diretamente relacionados com políticos do município que geraram uma represália muito desagradável, uma coisa muito desconfortável que me colocou numa situação de insegurança que me fez pensar mesmo esse tipo de publicação. E é uma coisa que não é nem por mim necessariamente. Eu farei meu trabalho tranquilamente se o que viesse de consequência disso atingisse só a mim, mas eu preciso pensar nos meus familiares, nos meus amigos, enfim, quem está ao meu redor não acaba sendo atingido com as consequências dessas publicações, de outras abordagens, enfim. Se coloca para fazer mesmo assim. E é difícil fazer isso sem nenhum tipo de apoio, sem segurança, sem nenhuma garantia, entende? De que isso não vá prejudicar outras pessoas, além de nós, do coletivo.

E tem outra coisa que acontece também com relação a denúncias, enfim, coisas que a gente gostaria muito de noticiar, mas pela exposição dos

integrantes do coletivo, assim, pelo fato de a gente morar num lugar pequeno, de a gente estar cobrindo um lugar pequeno, todo mundo se conhece, todo mundo sabe quem são seus familiares, onde você vive, enfim, você acaba sendo muito exposto. E com pouca segurança, sabe, para, por exemplo, fazer denúncias com relação a trabalho, corrupção, sabe, na política local, enfim, isso acaba complicando muito nosso trabalho nesse sentido também, sabe?

Então, nesses casos de denúncias, as pessoas vieram até a minha casa, elas tentaram me intimidar nas redes sociais, enfim. Foram situações bem complicadas, assim, que acabaram fazendo com que eu pensasse na maneira de, enfim, trabalhar outras abordagens no coletivo. E é uma coisa que a gente vai vendo enquanto a coisa vai acontecendo mesmo, sabe? Eu, honestamente, não imaginei que seria assim quando tive a ideia de fundar o coletivo.

A gente acaba não estando disponível para fazer esse trabalho mais imediato porque a gente não consegue se dedicar integralmente ao coletivo e isso tem acontecido, isso acontece desde o início e tem se complicado muito mais ultimamente, infelizmente, sem recursos, sem nenhum tipo de apoio financeiro que dê folga para a gente poder fazer esse trabalho realmente é muito difícil, então a gente acaba produzindo pautas que estão ali com mais tempo, com mais condições de a gente trabalhar com calma e poder publicar, entende?

2. Quais são os planos para o Acauã em 2025 ?

Continuar tentando publicar da maneira que for possível e continuar buscando recurso para poder engrenar com o coletivo.

Muitos projetos parecidos com o nosso dão certo, conseguem se movimentar de uma maneira melhor, publicam com frequência e têm uma certa estabilidade, mas o caminho é muito difícil, é complicado.

É preciso tempo, muita disposição e coragem para colocar num trilho seguro um projeto como esse, sem recurso.

3. **Você sabe se existem grupos de whatsapp nos quais os moradores podem usar para se manterem informados?**
Não conheço nenhum